

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA  
CAMPUS CAMPOS CENTRO – IFFLUMINENSE  
DIRETORIA DE ENSINO SUPERIOR DAS LICENCIATURAS  
LICENCIATURA EM LETRAS – PORTUGUÊS E LITERATURAS

***DOM QUIXOTE DAS CRIANÇAS, DE MONTEIRO LOBATO: a adaptação de um clássico universal como instrumento para formação do leitor na sala de aula.***

PATRÍCIA LESSA PEREIRA  
SUZI DOS SANTOS DA SILVA MENDES

Campos dos Goytacazes- RJ

2017

***DOM QUIXOTE DAS CRIANÇAS, DE MONTEIRO LOBATO: a adaptação de um clássico universal como instrumento para formação do leitor na sala de aula.***

PATRÍCIA LESSA PEREIRA  
SUZI DOS SANTOS DA SILVA MENDES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Letras – Português e Literaturas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense *campus* Campos Centro como parte das exigências para a obtenção do título de Licenciada em Letras.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Lúcia Monteiro Ramalho Poltronieri Martins

Campos dos Goytacazes- RJ

2017

**DOM QUIXOTE DAS CRIANÇAS, DE MONTEIRO LOBATO: a adaptação de um clássico universal como instrumento para formação do leitor na sala de aula.**

PATRÍCIA LESSA PEREIRA

SUZI DOS SANTOS DA SILVA MENDES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Letras – Português e Literaturas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense *campus* Campos Centro como parte das exigências para a obtenção do título de Licenciada em Letras.

APROVADO EM: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof.<sup>a</sup> Marília Siqueira da Silva (Mestra em Educação- UFF)  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense  
Membro

---

Prof.<sup>a</sup> Edalma Ferreira Paes (Doutora em Educação- UNICAMP)  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense  
Membro

---

Prof.<sup>a</sup> Ana Lúcia Monteiro Ramalho Poltronieri Martins (Doutora em Letras – UERJ)  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense  
Orientadora

## **AGRADECIMENTOS DE PATRÍCIA LESSA PEREIRA**

A Deus, o grande responsável pela minha existência. Ele, primeiramente, escolheu-me, capacitou-me, sustentou-me e, por meio da sua ternura e misericórdia, concedeu-me a realização de mais uma etapa vencida.

Aos meus pais, Fernando e Ródina, pelo amor incondicional que me envolveu e iluminou meus passos, encorajando-me para que eu não desistisse no primeiro obstáculo e que, hoje, ao meu lado, contemplam essa grande conquista.

À minha irmã Fernanda, por me doar companheirismo e por ter sido o mais puro, o mais belo modelo de inspiração e de paixão pela docência.

À minha irmã Laura, pela infinita paciência e pelos incentivos constantes durante esses anos.

À minha avó Laicy Lessa e à minha madrinha, Rosane Lessa, por me encherem de esperança e aliviarem minhas angústias pela força da oração.

À minha orientadora, Prof. Dra. Ana Lúcia Monteiro Ramalho Poltronieri Martins, pela sabedoria, paciência, responsabilidade e comprometimento durante as orientações.

À minha amiga de todas as horas, Suzi Mendes, companheira de disciplinas, ideias, sonhos, descobertas, expectativas, de muitas risadas e consolo até o enxugar das lágrimas.

À professora Fabiane Maria Vieira Pinto, pelo carinho, respeito e por acreditar que esse trabalho pudesse transformar sua sala de aula em uma fantástica aventura.

Aos encantadores alunos da turma 601- matutino do Colégio Estadual Dr. Thiers Cardoso, que deram mais cores e graciosidade às oficinas de leituras.

Aos ilustríssimos professores do curso de Licenciatura em Letras- Português e Literaturas em língua portuguesa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense, aos meus familiares e aos amigos, em especial Andressa Martins, Luana Monteiro e Maycon Dias, que, de alguma forma, enobreceram esse momento que vai ficar gravado para sempre em meu coração.

## **AGRADECIMENTOS DE SUZI DOS SANTOS DA SILVA MENDES**

Agradeço a Deus por tudo o que Ele é e por tudo o que Ele faz. Agradeço-lhe não porque virou ritualístico mencionar o Seu nome nos trabalhos acadêmicos, mas porque o reconheço como o Senhor de minha vida e meu melhor amigo; sou extremamente dependente dEle para viver; por isso, tudo o que me tornei e me tornarei, agradeço a Ele.

Aos meus pais, Genilson e Sílvia Patrícia, por serem mais do que genitores. Agradeço-lhes por serem minha fonte de inspiração, por serem amigos e meu porto seguro nas horas de aflição. Em especial, agradeço ao meu irmão Gabriel Mendes e ao meu namorado, Matheus Alvarenga, por serem os maiores incentivadores e encorajadores durante todo o meu percurso acadêmico e também por terem estendido seus acentos e paciência nos momentos de quase desistência.

À minha companheira de pesquisa, Patrícia Lessa, por ser mais que uma companheira acadêmica. Obrigada por ser amiga em todas as horas, por ter me ajudado a enxugar diversas lágrimas nesse percurso e por ter me ajudado a vencer diversos obstáculos. Agradeço-lhe, sobretudo, por sonhar meus sonhos, que, por coincidência, também eram seus sonhos, e construir comigo um projeto tão enriquecedor para a nossa trajetória docente.

À minha orientadora e atual coordenadora do curso, Prof. Dra. Ana Lúcia Monteiro Ramalho Poltronieri Martins, por ter aceitado, de bom grado e gentileza, embarcar conosco nesse projeto enriquecedor e trabalhoso. Obrigada pela competência, comprometimento e por todas as dicas.

Ao Colégio Estadual Dr. Thiers Cardoso, especialmente à professora Fabiane, pela confiança em nosso trabalho, por ceder seus alunos e por todo o carinho oferecido.

Aos alunos da turma 601- matutino, pela colaboração e respeito em nossas oficinas.

Ao IFFluminense e aos professores do curso de Licenciatura em Letras, pela dedicação e paixão com que cada aula foi ministrada. Essa paixão presentificada nos olhos e nas aulas de vocês incentivaram-me, ainda mais, a continuar no curso e a me tornar professora.

Aos colegas de classe, pela companhia em quase todas as noites. Em especial, aos colegas Luana Cruz, Andressa Martins e Maycon Dias, por todo o carinho e apoio.

Às professoras Analice Martins e Vania Bernardo, primeiras coordenadoras do curso de Licenciatura em Letras do IFFluminense.

## RESUMO

A leitura tem valor imensurável por variados motivos, sobretudo porque permite ao indivíduo conhecer saberes e construir uma visão crítica e consciente sobre a realidade que o cerca, o que a torna, então, um instrumento de poder. Tomando como análise o cenário atual das salas de aula das redes públicas, as quais, em sua maioria, apresentam pouco investimento na leitura, o presente trabalho propõe o incentivo e a formação do leitor na sala de aula a partir do livro *Dom Quixote das Crianças*, de Monteiro Lobato, cuja obra caracteriza-se por ser uma adaptação do clássico *Dom Quixote de La Mancha*, de Miguel de Cervantes. Utilizou-se o clássico como ferramenta para formar leitores porque sua estrutura literária apresenta enredo dinâmico e atraente para qualquer leitor, principalmente porque suas temáticas são universais e mantêm-se atuais ao longo do tempo. A escolha específica por esta obra concretizou-se por ela apresentar, também, diversas imagens que possibilitam trabalhar o lúdico com o leitor. Como este trabalho propõe a formação de leitores no desenvolvimento da prática docente, a metodologia da pesquisa foi, num primeiro momento, bibliográfica e, posteriormente, efetivou-se no campo, numa escola estadual, contemplando uma turma de 6º ano do Ensino Fundamental, uma vez que nessa série o aluno alarga o seu envolvimento com a leitura e a produção de texto. Para que a pesquisa se efetivasse, foram realizadas oficinas de leitura para trabalhar o clássico em questão e coletar os dados para análise e para as considerações finais, as quais foram, em sua maioria, positivas para a formação do leitor, mostrando que é possível apresentar clássicos nessa modalidade de ensino. Esperamos que esta pesquisa seja motivadora de uma prática docente que valorize a formação de leitores por meio dos clássicos, pois eles representam um ramo da literatura, que é uma ciência que proporciona diversos conhecimentos que, a nosso ver, vão além do literário.

**Palavras-Chave:** Formação de leitores. Clássicos. Monteiro Lobato. Adaptação.

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1.....	31
Gráfico 2.....	31
Gráfico 3.....	32
Gráfico 4.....	32
Gráfico 5.....	32
Gráfico 6.....	33
Gráfico 7.....	33

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 A IMPORTÂNCIA DA LEITURA E OS DESAFIOS DA FORMAÇÃO DE LEITORES.....	13
2.1 FORMAÇÃO DE LEITORES: UMA COMUNHÃO ENTRE FAMÍLIA E ESCOLA.....	15
2.2 VIAGENS LITERÁRIAS: UMA PROPOSTA PARA FORMAR LEITORES.....	16
3 DA LEITURA DO CLÁSSICO À LEITURA DO MUNDO.....	20
3.1 POR QUE INICIAR A LEITURA DE UM CLÁSSICO DESDE CEDO?.....	21
3.2 POR QUE APRESENTAR OS CLÁSSICOS TAMBÉM POR MEIO DE UMA ADAPTAÇÃO?.....	22
3.3 MONTEIRO LOBATO: UM ESCRITOR BRASILEIRO CONTEMPLATIVO E MODERNO.....	24
3.4 MONTEIRO LOBATO APRESENTA O SEU CLÁSSICO <i>DOM QUIXOTE DAS CRIANÇAS</i> .....	27
4 A LEITURA EM AÇÃO.....	29
4.1 PRIMEIRA OFICINA: APRESENTAÇÃO DO PROJETO DE LEITURA <i>DOM QUIXOTE DAS CRIANÇAS</i> .....	30
4.2 SEGUNDA OFICINA: OS ALUNOS CONHECEM <i>DOM QUIXOTE DAS CRIANÇAS</i> , DE LOBATO.....	33
4.2.1 Primeira parte da segunda oficina de leitura: análise dos aspectos extratextuais.....	33
4.2.2 Segunda parte da segunda oficina de leitura: no desenrolar de uma leitura havia uma incrível aventura.....	35
4.3 TERCEIRA OFICINA: OS ALUNOS CONTINUAM CONHECENDO AS AVENTURAS DE <i>DOM QUIXOTE</i> .....	37
4.4 QUARTA OFICINA: O RECOLHIMENTO DOS DESENHOS.....	39
4.5 QUINTA OFICINA: OS ALUNOS DESPEDEM-SE DE <i>DOM QUIXOTE DAS CRIANÇAS</i> .....	40
4.5.1 Entrelaçando os ajustes iniciais.....	40
4.5.2 Término das leituras do livro <i>Dom Quixote das Crianças</i> .....	41



4.5.3 Na minha história em quadrinho existe uma nova aventura de Dom Quixote.....	42
4.6 SEXTA OFICINA: “DOM QUIXOTE PERCORRENDO MINHA HISTÓRIA EM QUADRINHO”.....	43
4.7 SÉTIMA OFICINA: A FINALIZAÇÃO DO PROJETO DE LEITURA.....	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
REFERÊNCIAS.....	50
APÊNDICES.....	52
APÊNDICE A – Roteiro para elaboração das oficinas.....	53
APÊNDICE B – Questionário para traçar o perfil da turma.....	55
APÊNDICE C – Crachás para divisão das equipes de leitura.....	58
APÊNDICE D – Autorização para participação das oficinas.....	59
APÊNDICE E – Diploma do Leitor.....	60
ANEXOS.....	61
ANEXO 1 Desenhos para fixação da história.....	62
ANEXO 1.1 Desenhos para fixação da história.....	63
ANEXO 1.2 Desenhos para fixação da história.....	64
ANEXO 2 Produção textual em forma de Histórias em Quadrinhos (retextualização).....	65
ANEXO 2.1 Produção textual em forma de Histórias em Quadrinhos (retextualização).....	66

## 1 INTRODUÇÃO

*Grosso modo*, um texto é considerado um clássico quando perdura sobre o tempo, ou seja, ele encanta e seduz gerações e gerações de leitores, ainda que a realidade atual seja destoante da que foi “representada”<sup>1</sup> no clássico, como bem se vê com os contos de fadas. O clássico resiste ao tempo, porque retrata temas universais e mostra, em sua maioria, a dualidade entre o bem e o mal, despertando, assim, a atenção e o interesse do leitor.

Esse entendimento inicial sobre o que são clássicos, somado à satisfação e ao interesse pessoal de ambas as pesquisadoras por esse tipo de leitura, serviu de mote para a iniciação desta pesquisa. Contudo, amar a leitura dos clássicos não é a única condição para um professor de língua portuguesa formar alunos-leitores eficientes nos seus anos de escola. Há de se ter consciência de que a formação de um leitor eficiente passa pelo conhecimento de uma metodologia que, infelizmente, o professor de língua portuguesa não encontra no livro didático, seu material mais imediato. Assim, o professor é, diante de um livro paradidático de natureza literária, um solitário, e, conseqüentemente, o aluno, um perdido, porque aquele não consegue “ganhar” um leitor. Perguntas como “O que fazer com o livro?”, “Como fazer com que os alunos tenham prazer no ato de ler?”, entre muitas outras, são constantes na vida do professor de língua portuguesa da educação básica, seja na escola pública, seja na particular. Por causa disso, muitos professores não exploram a obra em si e, por conseguinte, trabalham somente os estilos de época em que ela se situa e a bibliografia do autor, esvaziando as peculiaridades que existem no texto literário. Logo, é necessário trazer à tona metodologias que mobilizem eficazmente a leitura do texto literário em sala de aula, a fim de que a leitura de viés literário possa ser um dos caminhos para a formação de leitores críticos que sintam prazer na leitura de literatura, além de ampliar o conhecimento enciclopédico e de mundo.

Para muitos pesquisadores, o incentivo à leitura deve ser iniciado desde cedo, no berço familiar, e trabalhado continuamente pelo professor. Infelizmente, essa não é a realidade brasileira, visto que muitos alunos só têm acesso ao livro literário na escola, por meio da biblioteca ou campanhas públicas de acesso ao livro. Isso mostra que o professor é um elemento importante na formação de leitores no Brasil. Além disso, tem-se um outro problema, fruto do

---

<sup>1</sup> O uso das aspas na palavra “representada” indica o fato de que toda e qualquer representação da realidade no texto literário se situa no campo da verossimilhança.

descaso com a leitura na escola: lê-se muito pouco no Brasil, como constataam várias pesquisas de governos, de ONGs e também dos meios de comunicação.

Em sendo a leitura dos clássicos cativante para todas as gerações, partimos da hipótese de que a leitura dos clássicos e/ou de adaptações dos clássicos no 6º ano do Ensino Fundamental pode ser uma força motriz no processo de incentivo à leitura, uma vez que é nesse segmento que o aluno começa a ampliar a sua visão de mundo e tem maior contato com a leitura e a produção de texto. Por conter enredos atraentes e cativantes, os clássicos e suas adaptações podem ser um instrumento para a formação do leitor crítico, pois a leitura literária permite ao leitor ter uma visão ampla da cultura, da história, da política e das artes dos demais países.

Sabemos, contudo, que a dinâmica em uma sala de aula da escola de rede pública é desafiadora, sobretudo pelo déficit de conteúdo que o aluno traz consigo das séries anteriores, pelo calendário apertado e pelo currículo, que prioriza, quase sempre, as regras gramaticais.

Essas dificuldades, que aparecem mais fortemente nas redes públicas, reforçam a problemática que serviu de base para a nossa pesquisa: “É possível ler clássicos e/ou suas adaptações no 6º ano do Ensino Fundamental?”; “Como o professor deve trabalhar com o clássico em sala de aula, a fim de promover o prazer da leitura e, conseqüentemente, formar leitores críticos e conscientes?”.

Desse modo, escolhemos para nossa pesquisa o livro *Dom Quixote das Crianças*, escrito na década de 30 do século XX por Monteiro Lobato, justamente por ser uma obra que convida o leitor a embarcar em um reino cheio de fantasias, movido por uma linguagem simples e clara. Outro quesito para essa escolha foi justamente por se tratar de um livro que apresenta o clássico, redigido por um escritor infantojuvenil brasileiro que, em forma de adaptação, reconta um clássico da literatura ocidental, que é *Dom Quixote de la Mancha* (1605), de Miguel de Cervantes, escritor espanhol.

Optamos pelo escritor Monteiro Lobato, porque, além de ele ser considerado o “pai da literatura infantil” no Brasil, suas temáticas e enredos são sempre atraentes, dinâmicos, atuais e despertam no leitor a fantasia, a imaginação e o prazer de continuar lendo, características que contribuem para a formação do leitor que se encontra em processo de desenvolvimento.

Sendo assim, para que a pesquisa se efetivasse, escolhemos a área de Estudos Linguísticos e Educação, porque ela propõe que a teoria seja aplicada no exercício da docência.

A modalidade de pesquisa utilizada foi, num primeiro momento, bibliográfica, para delinear melhor o problema da pesquisa e nos aprimorar nos conhecimentos teóricos. Em seguida, a modalidade transformou-se em pesquisa de campo, uma vez que, se queremos

contribuir para a formação do leitor, devemos adentrar na área de educação, para coletar dados e averiguar a validação da proposta.

A pesquisa concentra-se em três capítulos, cujos passos são agora apresentados:

No primeiro capítulo, falaremos sobre os desafios da formação de leitores no Brasil. Além de trazer uma pesquisa da mídia digital, mostraremos a perspectiva teórica de vários estudiosos da literatura, tais como Lajolo (2000), Freire (1990), Zilberman (2014), entre outros. É importante observar que a concepção de leitura com a qual esses estudiosos trabalham visam a promover a leitura como um ato sociointeracional, cultural e histórico, ou seja, como uma atividade dinâmica de produção de sentidos, indo, assim, ao encontro da perspectiva em que se situa esta pesquisa.

No segundo capítulo, evidenciaremos, primeiramente, as características que fazem um texto ser um texto literário e, depois, o que caracteriza um texto literário como um clássico, visto que nem todo texto literário é um clássico. Isto supõe que o clássico na literatura é um texto com características diferenciadas. Neste capítulo, trabalharemos com dois autores que são ao mesmo tempo escritores e teóricos da literatura: Ana Maria Machado, escritora de literatura infantojuvenil e acadêmica da ABL (Academia Brasileira de Letras), e Ítalo Calvino, escritor ítalo-cubano já falecido. Também, neste capítulo, falaremos sobre as adaptações de clássicos da literatura, pois defenderemos que as adaptações que são reconhecidas pela sua qualidade estética e literária devem ser trabalhadas em sala de aula. Vale lembrar que *Dom Quixote das Crianças*, de Monteiro Lobato, é uma adaptação que se tornou um clássico da literatura infantojuvenil brasileira, sendo lido por inúmeras gerações.

No terceiro capítulo, a pesquisa se efetivará no campo, uma vez que escolhemos uma turma de 6º ano do Ensino Fundamental do Colégio Estadual Dr. Thiers Cardoso para realizar oficinas de incentivo à leitura e trabalhar o clássico de Monteiro Lobato. Primeiramente, aplicaremos questionários para levantamento do perfil da turma e para averiguar o interesse dos alunos pela leitura. No decorrer das oficinas, estimularemos a leitura do livro por meio de atividades diferenciadas, tais como a produção textual, uso da linguagem verbal e não verbal, trabalhando, além da plasticidade das formas, com histórias em quadrinhos, para ser afixada no mural da escola, servindo como parte integrante da nota bimestral dos alunos. Esses exercícios, a nosso ver, servirão de dados para a finalização da pesquisa. A escolha por uma metodologia que una diferentes campos interdisciplinares e multidisciplinares, como a produção de texto e a semiótica da imagem, parte da crença de que o aluno de hoje tem que se sentir um elemento atuante no processo de leitura de todo e qualquer texto, inclusive do texto literário, ou seja, como

uma espécie de porta-voz do que ele lê. Nesse sentido, o clássico parece ser o texto literário mais próximo de nossos alunos, cujas vivências são heterogêneas.

## 2 A IMPORTÂNCIA DA LEITURA E OS DESAFIOS DA FORMAÇÃO DE LEITORES

O valor da leitura sempre foi muito discutido por inúmeros teóricos da educação e da linguagem. Inúmeras vezes, ouvimos que a leitura é a chave para o aprimoramento da escrita e do pensamento. Inseridos neste contexto, é comum professores usarem a citação do escritor Monteiro Lobato, que disse: “Quem mal lê, mal ouve, mal fala, mal vê”. Tal citação é pronunciada por professores brasileiros que buscam enfatizar a importância da leitura para os seus alunos.

O fato é que, na grande maioria dos casos, o primeiro contato de muitos brasileiros com a leitura é feito na escola, devido a uma série de fatores já conhecidos e discutidos por diversos especialistas de diferentes áreas, tais como: o preço do livro no Brasil, inacessível a camadas mais baixas da população, a quase ausência de bibliotecas públicas em grande parte dos municípios brasileiros e, principalmente, a falta de uma política governamental constante de incentivo à leitura. Na escola, a leitura é vista pela maioria dos estudantes como uma atividade pouco prazerosa, porque, primeiramente, ela é vista como uma obrigação e, depois, como uma forma de subterfúgio para provas e trabalhos avaliativos. Logo, a escola não valoriza a leitura pelo prazer do texto e sua reflexão *per si*. Além disso, ouvem-se, por parte de professores que deveriam incentivar a leitura, clichês e preconceitos relacionados à leitura, à escola, à literatura e similares, como mostra Lajolo (2000, p.12):

(...) outros alunos, por não terem hábito ou gosto pela leitura ou gosto pela leitura, infelizmente a maioria, só leem obrigados. Ou ainda, a minoria, não leem nem obrigados (...) (sic)

(...) muitos não leem com a desculpa de que não têm tempo, sendo que para assistir TV sempre se dispõem de tempo (...)

(...) o nosso estudante só faz determinada atividade se exigida e bem estimulada. Do contrário, se entregam (sic) à preguiça de ler. Mesmo porque eles acham cansativo ter de ficar parados a ler, muitas vezes histórias que estejam agradando (...)

Só a leitura e o incentivo pelos bons autores (sic) poderá melhorar a redação dos alunos, cada vez mais pobre e restrita pela TV (...)

Nota-se, nas falas dos professores acima, uma crítica à postura do aluno em relação à leitura, mas não se discutem as razões pelas quais ele se sente afastado da leitura na escola. Se se levar em conta as falas supracitadas, considerar-se-á que a culpa é do aluno. O grande problema é que muitos alunos, no final do ciclo educacional básico, apresentarão inúmeras

defasagens relacionadas à falta de desenvolvimento do ato de leitura as quais, futuramente, irão trazer sérios impactos a sua vida social e, principalmente, profissional.

A falta do hábito de leitura no Brasil é tão preocupante que até mesmo jornais e revistas pouco especializados no assunto sensibilizam-se com o fato, como mostra a reportagem intitulada *Retratos da Leitura*, no Brasil apresentada pelo jornal Estado de São Paulo em versão on-line, a qual afirma que “44% da população brasileira não lê e 30% nunca comprou um livro”) e “para 67% da população, não houve uma pessoa que incentivasse a leitura em sua trajetória, mas dos 33% que tiveram alguma influência, a mãe, ou representante do sexo feminino, foi a principal responsável (11%), seguida pelo professor (7%).”

O que torna mais preocupante é saber que, para muitos alunos, o processo de leitura está vinculado apenas ao mecanismo de decodificação de uma mensagem puramente simbólica, na qual as sílabas são desencadeadoras de palavras, enquanto estas últimas são articuladas na formação de um texto. Sendo assim, ler é apenas um processo de decodificação de uma língua, pouco importando o processo de compreensão e/ou interpretação, ou seja, de sentido. Esses leitores não são levados a compreenderem a leitura como uma prática interativo-social, porque estão vinculados a um nível técnico em que o leitor é apenas um reproduzidor de ideias superficiais do texto, tornando-se passivo e mecânico. Infelizmente, muitos livros didáticos brasileiros ainda reproduzem esse tipo de nível de leitura.

Toda a situação se agrava mais quando se pensa que grande parte das escolas brasileiras não apresenta práticas de leituras eficientes, embora muitas tenham um projeto de leitura ligado às aulas de língua portuguesa. Infelizmente, nesse caso, a leitura se torna parte do ensino de gramática ou de produção textual, perdendo-se, mais uma vez, o prazer de ler o texto pelo texto. Essas práticas distanciam-se da proposta sustentada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), que enfatizam a importância dada à leitura:

A leitura é o processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a linguagem etc. Não se trata de extrair informações, decodificando letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível proficiência. É o uso desses procedimentos que possibilita controlar o que vai sendo lido, permitindo tomar decisões diante de dificuldades de compreensão, avançar na busca de esclarecimentos, validar no texto suposições feitas. (BRASIL, 1998, p.69-70).

Fica nítido que o objetivo primordial dos PCNs é formar um aluno-leitor que seja capaz de se posicionar diante de um texto, buscando inferir, analisar, questionar, enumerar e observar

as informações presentes. Nesse sentido, compreende-se o pensamento de Orlandi (1995), para a qual o sujeito-leitor é quem, em sua preexistência, se torna produtor da interpretação do texto, ao mesmo tempo em que se coloca como contemporâneo a ele, produzindo leitura, especificamente de sentido, garantindo sua eficácia, organizando-se com seu conhecimento de um eu-aqui-e-agora, relacionando-se com ele sem perder sua originalidade.

Assim, nota-se que desenvolver o trabalho de leitura é um processo multidisciplinar e complexo, que necessita de estratégias que estejam vinculadas às ações mais concretas relacionadas às políticas governamentais e de sua efetivação no âmbito escolar, além de uma execução de um planejamento moldado por medidas que busquem capacitar o aluno como um leitor ativo, isto é, que seja capaz de analisar as informações de um texto, fazer inferências e, principalmente, de observar que o processo de leitura é dinâmico, interativo e necessário para sua formação como cidadão pleno.

## **2.1 FORMAÇÃO DE LEITORES: UMA COMUNHÃO ENTRE FAMÍLIA E ESCOLA**

Na infância, passamos por uma série de desenvolvimentos que permite nossa sobrevivência no mundo. Normalmente, na fase da infância, aprendemos a andar, falar, ler e escrever. Para muitos pesquisadores de diferentes linhas teóricas (VYGOTSKY, 1987; BETTELHEIM, 2011; COELHO, 1995), é nessa fase que a leitura deve ser apresentada, independentemente de a criança ter sido ou não ainda alfabetizada, pois o livro é um espaço convidativo para contemplação das imagens e cores. Logo, ao ouvir histórias, a criança é apresentada a um mundo imaginário e repleto de fantasia.

A leitura nessa faixa etária é realizada pelos pais, ou por outros responsáveis, que de forma oralizada busca efetivar esse primeiro contato da criança com a leitura. Segundo Bruno Bettelheim (2011), quando a criança é pequena, a literatura mediada pelos pais ou por outras pessoas que cuidam dela é vista como experiências que a capacitam, que ajudam a dar à vida um significado maior. Ao ler para os filhos, os pais apresentam um novo mundo, composto por diversas cores e personagens que despertam a curiosidade das crianças e possibilitam condições efetivas para sua inclusão social. Ao adotar essa postura, os pais ou responsáveis legais contribuirão para formação reflexiva, cognitiva e social da criança, pois legitima o direito da mesma, enquanto cidadã e passam a transmitir valores essenciais para construção desse sujeito, que aprende ao imitar as ações dos pais ou responsáveis.

Nesse sentido, a escritora, Fanny Abramovich, em seu livro *Literatura infantil: gostosuras e bobices*, diz o seguinte sobre a contação de histórias:



O primeiro contato da criança com um texto é feito, em geral, oralmente. É pela voz da mãe e do pai, contando contos de fada, trechos da Bíblia, histórias inventadas tendo a gente como personagem, narrativas de quando eles eram crianças e tanta, tanta coisa mais...Contadas durante o dia, numa tarde de chuva ou à noite, antes de dormir, preparando para o sono gostoso e reparador, embalado por uma voz amada...É poder sorrir, rir, gargalhar com situações vividas pelos personagens, com a ideia do conto ou com o jeito de escrever de um autor e, então, poder ser um pouco cúmplice desse momento de humor, de gozação. (ABRAMOVICH, 1997, p. 17)

Tal reflexão permite compreender a leitura como parte do desenvolvimento escolar e da formação humana, pois, através do hábito da leitura e da contação de histórias, possibilita-se o desenvolvimento de habilidades e competências, preparando as crianças para os desafios do mundo moderno.

No entanto, a realidade de inúmeras crianças não permite esse primeiro contato com a leitura, pois elas não possuem pais conscientes dessa importância para o desenvolvimento dessa faixa etária. Essa falta de percepção dos pais desencadeia o afastamento de sua responsabilidade, enquanto formadores, pois deixam de criar esse vínculo efetivo, tornando-se tardio o primeiro contato.

Dessa forma, ouvir histórias deveria ser uma atividade essencial para o desenvolvimento da criança, que se sentirá aguçada, primeiramente, pelo ensinamento, que é desenvolvido por meio dessa interação, que acaba sendo desencadeada por meio da interação com o seu locutor e, posteriormente, a leitura se tornará uma atividade constante na vida desse futuro leitor. A efetivação de tal prática consistiria no primeiro e importante estágio da formação de leitores.

## **2.2 VIAGENS LITERÁRIAS: UMA PROPOSTA PARA FORMAR LEITORES**

À medida que a criança evolui na escola, o acesso ao aprendizado da leitura torna-se uma atividade mais constante, porque a escola tem como uma de suas funções primordiais a formação de leitores, tal como preconizam os PCNs. Diante de um quadro de profunda desigualdade social, cabe à escola ser o espaço privilegiado de acesso à leitura no Brasil, pois, como se viu anteriormente, inúmeros fatores afastam as famílias brasileiras do hábito de ler. Logo, é imprescindível que a escola apresente possibilidades que oportunizem o desenvolvimento para a prática da leitura.

Diante desse contexto, a escola exerce um papel importante na formação de leitores e, por consequência, o aprendizado da leitura terá de ser desenvolvido na sala de aula. O professor

será o mediador desse processo, cabendo a ele planejar estratégias para apresentá-la como uma atividade atrativa, convidativa e construtiva, fazendo com que a sala de aula seja um “espaço privilegiado para o desenvolvimento do gosto pela leitura, assim como um importante setor para o intercâmbio da cultura literária, não podendo ser ignorado, muito menos desmentida a sua utilidade” (ZILBERMAN, 2003, p.14). O trabalho com a leitura se tornará efetivo à medida que o professor compreenda a importância de sua posição no processo de formação de leitores, pois o professor será o mediador entre o texto e o aluno nos momentos iniciais da formação de leitores, principalmente de textos literários. A nosso ver, a leitura literária aparece nesse contexto como um instrumento precioso que pode ser utilizado pelo professor para efetivar a relação dialógica entre aluno- texto- autor- professor.

Nesse ponto, acreditamos que a leitura literária apareça como uma vertente na formação do leitor em sala de aula, pois esse tipo de leitura não contempla apenas a fruição dos recursos estéticos e artísticos, que são acionados pelo leitor, mas é capaz também de promover a interação do leitor com o tema e desencadear reflexões de natureza diversa a partir de sua visão social e enciclopédica, ampliando, assim, a postura crítico-reflexiva.

Tal observação vem ao encontro da reflexão feita pelo crítico literário Antonio Candido, falecido recentemente, para quem “(...) A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas” (CANDIDO, 1995, p. 243). Isso significa que a leitura literária se torna um valioso instrumento para a formação do leitor, pois esse tipo de leitura cria possibilidades de construção de sentidos, a partir da interação com a obra literária. A leitura literária também possibilita a troca de opiniões, ideias e conhecimentos, propondo, assim, a análise de diversas temáticas, que passam a ser exemplificadas e retratadas por personagens, criando novas situações através das quais os próprios alunos possam preencher as lacunas deixadas intencionalmente ou não pelo autor do texto. Esse tipo de leitura é capaz de instigar o olhar do leitor, a ponto de fazê-lo ressignificar outras leituras. Sobre essas possibilidades, Lígia Cademartori argumenta:

a obra literária recorta o real, sintetiza-o e interpreta-o através do ponto de vista do narrador ou do poeta. Sendo assim, manifesta, através do fictício e da fantasia, um saber sobre o mundo e oferece ao leitor um padrão para interpretá-lo. Veículo do patrimônio cultural da humanidade, a literatura se caracteriza, a cada obra, pela preposição de novos conceitos que provocam uma subversão dos já estabelecidos. (CADEMARTORI, 1991, p. 22-23).

Diante dessa análise, antes de escolher o texto literário, o professor deve organizar metodologias de ensino que estejam centradas no planejamento de ações, que possibilitem o desenvolvimento do processo de formação de leitores em sala de aula. A motivação deve ser um instrumento valioso, pois é necessário que os alunos se sintam convidados a participar desse processo de formação. Ou seja, não adianta ter um ótimo texto em mãos se não houver planejamento e estratégias para trabalhá-lo.

Inserido nesse contexto, o professor passa a assumir o papel de guia, isto é, aquele que vai direcionar, apresentar, orientar e motivar todas as etapas da viagem literária. A ambientação da sala de aula será muito importante, pois servirá como um espaço de conhecimentos e reflexão. A partir dessa etapa, o professor deve apresentar aos alunos todas as viagens literárias, que foram previamente planejadas, para que eles possam compreender o objetivo dessa atividade. Ao atuar como guia literário, o professor promoverá ações para mediar inúmeras viagens por meio de diversos itinerários literários e infinitos lugares, que serão acionados por linguagens verbais e não verbais, tais como as imagens e as cores. Assim, no final de cada viagem, os passageiros serão convidados a compartilhar suas reflexões, a partir de suas experiências de mundo.

Nessa perspectiva, Lajolo (2000) afirma que se ler é essencial, a leitura literária também é fundamental:

É à literatura, como linguagem e como instituição, que se confiam os diferentes imaginários, as diferentes sensibilidades, valores e comportamentos através dos quais uma sociedade expressa e discute, simbolicamente, seus impasses, seus desejos, suas utopias. Por isso, a literatura é importante no currículo escolar: o cidadão, para exercer plenamente sua cidadania, precisa apossar-se da linguagem literária, alfabetizar-se nela, tornar-se seu usuário competente, mesmo que nunca vá escrever um livro: mas porque precisa ler muitos (LAJOLO, 2000, p.106).

Após percorrer os caminhos literários apresentados, é válido que o professor faça uma “pausa literária”, para verificar se os alunos estão conseguindo compreender a proposta das oficinas de leitura, isto é, se eles estão gostando da proposta, se conseguem perceber sentidos nas etapas que já foram percorridas e se são capazes de apresentar desdobramentos criativos e significativos com o objeto literário. Sendo assim, o professor será o mediador de debates, reflexões e partilha de informações sobre a leitura literária em questão.

Vale ressaltar que essa proposta só terá relevância para o ensino em sala de aula se estiver integrada ao planejamento do professor como uma atividade em consonância com a interação entre leitor e leitura, para que esta seja dialógica. A leitura literária não deve ser apresentada sem um direcionamento ou de forma autoritária, como quase sempre se vê em

nossas escolas, isto é, como uma atividade essencialmente mecânica e sem relevância para os alunos, porquanto não permite a interação entre leitura e leitor, que passa a olhar o texto literário de forma superficial, isto é, não consegue preencher as lacunas existentes no texto literário, ficando, pois, apenas no plano da decodificação do sistema da língua.

Nesse sentido, o interesse pela leitura só será efetivo se o professor desenvolver estratégias que estejam ancoradas à satisfação plena de partilha, ou seja, aos encantos que a leitura poderá despertar no aluno. Assim, cabe ao professor compreender a importância de seu papel, o de formador de leitores, e adequar sua prática em prol de diversas ações que levem o leitor a compreender a leitura como um processo que permita a construção de diversos sentidos.

Para ilustrar essa proposta, acreditamos que a leitura dos livros clássicos da literatura, ou somente “os clássicos”, como os denomina Calvino (2007), possa ser um instrumento precioso a ser utilizado pelo professor como uma contribuição na formação do leitor atual, acostumado a ler em vários suportes, principalmente o digital. Por que os clássicos e não um outro livro qualquer? Porque, assim como Calvino (2007), acreditamos que a leitura de um clássico é, primeiramente, uma leitura de descoberta e, depois, de várias descobertas, seja no âmbito da temática, seja no âmbito estético.

### 3 DA LEITURA DO CLÁSSICO À LEITURA DO MUNDO

Para nós, a leitura de um clássico é imprescindível para o processo de formação do leitor, sobretudo para a criação de uma consciência crítica, acarretando, conseqüentemente, no leitor-cidadão, o “direito de resistência” (MACHADO, 2009, p. 19) contra a dominação “da massa”, uma vez que a leitura sempre foi considerada um elemento de poder. É pertinente ainda que se faça outro questionamento sobre os clássicos, a fim de ratificar sua importância: qual a diferença entre um texto comum e um texto clássico? O que faz um texto tornar-se clássico? Constantemente, ouve-se dizer que um texto é considerado clássico quando perdura sobre o tempo, ainda que a realidade atual seja destoante da que foi representada, conforme explicita Ítalo Calvino, em seu livro *Por que ler os Clássicos*, quando afirma que: “É clássico aquilo que persiste como rumor mesmo onde predomina a atualidade mais incompatível” (CALVINO, 2007, p. 15). CALVINO (ibidem, 2007, p. 10) ainda reforça:

Os clássicos são livros que exercem uma influência particular quando se impõem como inesquecíveis e também quando se ocultam nas dobras da memória, mimetizando-se como inconsciente coletivo ou individual .

O clássico é diferente dos demais textos justamente por resistir ao tempo, sobretudo porque, na maioria das vezes, narra temas universais, tais como o amor, o ódio, a inveja, a cobiça, o sucesso, o fracasso, entre muitos outros temas que fazem parte da alma humana, seja em qualquer época. Calvino (ibidem 2007) também salienta que, por mais que já exista uma listagem de clássicos considerados pelo cânone literário, cada leitor tem o direito de construir a sua própria lista de clássicos, uma vez que o clássico toca a cada um de uma forma singular, própria: “O ‘seu’ clássico é aquele que não pode ser-lhe indiferente e que serve para definir a você próprio em relação e talvez em contraste com ele” (CALVINO, ibid. 2007, p.13). Essa definição do autor comporta a importância da leitura e, principalmente, reforça o respeito que se deve ter com a seleção particular do leitor. Assim, cabe ao professor ofertar o máximo possível de leituras ao aluno, a fim de que este selecione as de seu interesse, fazendo com que o processo da leitura seja prazeroso, e não uma imposição por parte do professorado e da direção da escola.

Antes de explicitar como se efetivou a pesquisa no campo, faz-se necessário, ainda, esclarecer os argumentos que sustentamos antes, durante e depois da pesquisa, os quais são: iniciar a leitura de um clássico desde cedo, seja o texto original, seja uma adaptação de qualidade, optar por tema que reflita totalmente ou em parte a realidade dos alunos, e, por último, escolher uma adaptação de qualidade textual<sup>2</sup>, que oferte, além de imagens atraentes, a essência das histórias que foram adaptadas, como é o caso do livro *Dom Quixote das Crianças*, do escritor brasileiro Monteiro Lobato, que fez várias adaptações de livros clássicos para crianças de sua época.

### 3.1 POR QUE INICIAR A LEITURA DE UM CLÁSSICO DESDE CEDO?

Como futuras professoras, entendemos que o incentivo à leitura deve começar desde cedo, no âmbito familiar, e se estender à formação escolar do aluno, e tal afirmativa não é nenhuma novidade. No entanto, ao nos depararmos com a já mencionada pesquisa do jornal Estado de São Paulo, a qual afirma que apenas 7% do professorado incentiva a leitura, confirmou-se em nós a urgência de investir na leitura em todos os segmentos de ensino, sobretudo no 6º ano do Ensino Fundamental, uma vez que é nesse segmento que o aluno começa a ampliar a sua visão de mundo e tem maior contato com a leitura e a produção de texto, conforme salienta o currículo mínimo.

Trabalhar clássicos no 6º ano do Ensino Fundamental é de suma importância por dois motivos: primeiro, porque a leitura de um clássico envolve constantemente o leitor, como nos mostra a escritora de livros infantojuvenis Ana Maria Machado:

(...) uma das possíveis origens da palavra *clássico*, etimologicamente, seria uma derivação de *classos*, um tipo de embarcação, uma nave para longas viagens. A outra, mais provável, é que venha de *classe*, como sinônimo de sala de aula – confirmando a ideia de livros de destaque, estudados nas escolas (MACHADO, 2009, p. 20).

Segundo, porque é nesse estágio da vida que a memória está latente, e as lembranças dessa fase são nítidas e duráveis. Machado nos adverte:

(...) a infância é uma fase extremamente lúdica da vida e que, nesse momento da existência humana, a gente faz a festa com uma história bem contada. Não com sutilezas estilísticas, jogos literários ou modelos castiços do uso da língua – que poderão, mais tarde, fazer as delícias de um leitor maduro (MACHADO, 2009, p. 13).

---

<sup>2</sup> O que aqui chamamos de qualidade textual refere-se às adaptações que não ferem o sentido original do clássico, ou seja, elas são fidedignas ao enredo original, mas se apresentam de forma mais fácil, principalmente em relação ao vocabulário e à estruturação sintática.

Sendo assim, a leitura de um clássico permite ao leitor viajar no mundo da ficção, imergindo-o no desconhecido, incitando-o a buscar o conhecimento do outro, e, assim, convidando-o a explorar as diversidades, revelando as convergências e divergências entre o mundo real e o mundo fictício, contribuindo para a formação crítica e até identitária do leitor.

### **3.2 POR QUE APRESENTAR OS CLÁSSICOS TAMBÉM POR MEIO DE UMA ADAPTAÇÃO?**

Não há nada melhor do que falar de um texto usando o próprio texto original, isto é, indo diretamente ao texto-fonte; no entanto, para a aprendizagem se tornar significativa, é necessário que o professor contextualize o máximo possível o conteúdo para o aluno, utilizando uma linguagem clara e buscando elementos concretos, que sejam comuns à realidade do aluno, a fim de trazer uma maior compreensão do que se quer transmitir. Assim, no que tange à pesquisa, reconhecemos as boas adaptações dos clássicos como sendo uma ferramenta capaz de tornar a aprendizagem significativa para o aluno, pois “(...) o primeiro contato com um clássico, na infância e adolescência, não precisa ser com o original. O ideal mesmo é uma adaptação bem-feita e atraente” (MACHADO, 2009, p. 15). Salientamos, porém, que a utilização de adaptações de clássicos em sala de aula deve passar, primeiro, por uma seleção, a fim de verificar a qualidade textual.

Ao fazer uma seleção, o professor encontrará à sua disposição adaptações que não feriram o sentido original do texto, apenas tornaram a recepção da história mais lúdica, atraente e divertida para o público infantojuvenil. Uma vez realizada essa seleção, as adaptações de clássicos se tornam eficazes no processo de apresentação do clássico original para o aluno, servindo como uma ponte para o texto original, e não como um substituto. É Machado mais uma vez que nos orienta:

Também não é necessário que essa primeira leitura seja um mergulho nos textos originais. Talvez seja até desejável que não o seja, dependendo da idade e da maturidade do leitor. Mas creio que o que se deve procurar propiciar é a oportunidade de um primeiro encontro. Na esperança de que possa ser sedutor, atraente, tentador. E que possa redundar na construção de uma lembrança (mesmo vaga) que fique por toda a vida. Mais ainda: na torcida para que, dessa forma, possa equivaler a um convite para a posterior exploração de um território muito rico, já então na fase das leituras por conta própria (MACHADO, 2009, p. 12-13).

Quando o professor se dá conta da importância de apresentar clássicos desde cedo para o aluno, ele inicia o processo de leitura de forma leve, criativa, e propicia ao aluno conhecer outros clássicos mais à frente. Se o aluno/leitor adquirir desde cedo um variado repertório de narrativas literárias, o professor estará, conseqüentemente, preparando-o para encontros futuros com um clássico de linguagem mais sofisticada, contribuindo para que aconteça de forma mais tranquila e prazerosa, conforme ratifica Machado:

Se o leitor travar conhecimento com um bom número de narrativas clássicas desde pequeno, esses eventuais encontros com nossos mestres da língua portuguesa terão boas probabilidades de vir a acontecer quase naturalmente depois, no final da adolescência. E podem ser grandemente ajudados na escola, por um bom professor que traga para sua classe trechos escolhidos de algumas de suas leituras clássicas preferidas, das quais seja capaz de falar com entusiasmo e paixão (MACHADO, 2009, p. 14).

Outro dado que nos faz defender a utilização das boas adaptações de clássicos em sala de aula deve-se ao fato de que elas são um forte instrumento, no mercado editorial, de perpetuação das histórias universais, uma vez que elas possibilitam os diversos relançamentos de textos não mais publicados.

Costuma-se falar que um grande autor é imortal e uma boa literatura, eterna. No entanto esse costume se contradiz, quando verificamos que os escritores morrem e os seus leitores também. Dada a realidade, é a partir das novas edições (dos clássicos já lidos) que se conquistam novas gerações de leitores, os quais apresentam contextos culturais e históricos distintos do autor e da publicação da época. Essa diferença cultural e histórica é minimizada a partir das adaptações, uma vez que estas são responsáveis por “ajustar” o texto ao novo contexto, isto é, à nova geração.

Outro defensor das adaptações de clássicos é Carlos Heitor Cony, escritor, adaptador e atual membro da ABL, que defende, em publicação para a Folha de São Paulo, que as adaptações em nada atrapalham a essência clássica, ao contrário, servem como uma espécie de “tradução” para o leitor atual:

Antes de mais nada, assumo a autoria de diversas adaptações que estão no mercado, lançadas pela Ediouro, e, mais recentemente, pela Scipione. Até bem pouco tempo, ditas adaptações eram de clássicos estrangeiros. Agora são clássicos em vernáculo adaptados para o público alvo, que é exatamente o escolar. Crime? Plágio? Falta de vergonha das editoras e dos autores das adaptações? Historiando o assunto. Charles Lamb fez a versão em prosa das peças de Shakespeare.



Para o jovem de fala inglesa, o primeiro contato com os textos mais sagrados da literatura teatral foi feito nessas adaptações, hoje consideradas igualmente clássicas. Em nada prejudicaram o valor, o conteúdo e a forma da obra shakespeariana. Pelo contrário, valorizaram-na, pois habitua o estudante, desde cedo, a conhecer os dramas e comédias que integram a prateleira mais nobre da literatura universal. (CONY, 2001)

### **3.3 MONTEIRO LOBATO: UM ESCRITOR BRASILEIRO CONTEMPLATIVO E MODERNO**

No dia 18 de abril de 1882, na cidade de Taubaté, no estado de São Paulo, nascia José Renato Monteiro Lobato, filho de José Bento Marcondes Lobato e Olímpia Augusta Monteiro Lobato, a filha do fazendeiro José Francisco Monteiro, o memorável Visconde de Tremembé. Seu nascimento ocorre no final do século XIX, que ilustrava uma sociedade delimitada pelo trabalho escravo e fundamentada pelo conservadorismo patriarcal. O resultado desses fatores integra a minimização do progresso nacional e elevação das desigualdades sociais.

Na infância, o menino tinha predileção pelas visitas na chácara do avô, cada ponto transitado tinha um sabor de brincadeira, mas nenhuma se igualava a de observar as gravuras dos livros da biblioteca, sobre esse momento é válido observar: “*A chácara de seu avô era um mundo novo para o menino. Um mundo cheio de desenhos, gravuras e, principalmente, histórias... Se deixassem, ele seria capaz de passar dias inteiros no meio dos livros*” (ROSA, 2000, p.15). Nessa etapa também já havia sido alfabetizado pela mãe e recebia em sua residência aulas particulares. Aos onze anos, resolve trocar o nome e opta por José Bento Monteiro Lobato, cujas iniciais coincidem com as letras grifadas na bengala, que pertencera ao pai.

Após concluir o ensino básico, o menino vai para São Paulo, onde começa a estudar, por influência de seu avô, o Visconde de Tremembé, matérias elementares para o ingresso no curso de Direito. Acaba sendo reprovado em português e, por isso, retorna a Taubaté. Ao primar pela vontade do avô, o menino deixa de seguir o curso de Belas Artes.

No ano de 1896, Lobato retorna a São Paulo para tentar, pela segunda vez, uma vaga no *Instituto de Ciências e Letras*. Ele consegue ser aprovado e permanece ali cerca de três anos. Nessa época, Lobato começa a escrever, utilizando pseudônimos, para jornais estudantis e até organiza seu próprio jornal. É nessa ocasião que conhece o amigo e confidente Godofredo Rangel.

Depois de formado, o doutor Monteiro Lobato retorna a Taubaté e mantém um namoro com Maria Pureza da Natividade, professora, que já era conhecida dele em São Paulo. Como uma maneira de registrar o amor, ele envia a um jornal poemas de amor, mas, por entre os versos

apaixonados, circula um novo pseudônimo, que passa a assinar os seus versos românticos. Tais versos embalaram não apenas um namoro como também a ideia de solidificar essa união por meio de um casamento, que gerou em Monteiro Lobato uma reflexão sobre como faria para sustentar a futura família. Um cargo público seria o ideal, ainda mais se tivesse a indicação do visconde de Tremembé; entretanto, a influência do avô é menor do que a dos políticos de Taubaté. Assim, a única vaga que o visconde consegue para o neto é uma promotoria em Areias, uma cidade do Vale do Paraíba. Nessa nova cidade, Monteiro Lobato passa a se corresponder com a noiva amada, Purezinha, com quem divide o momento de tédio.. Além de escrever à amada, ele ocupa seu tempo com pinturas de aquarelas e começa a escrever contos que, mais tarde, serão publicados em *Urupês*.

No ano de 1908, Monteiro Lobato, promotor e doutor, casa-se com Maria Pureza. Em 1911, morre o visconde de Tremembé, seu avô, que recebe como herança a fazenda de Buquira e resolve mudar com a família, agora já aumentada com os filhos Marta e Edgar. Após chegar a fazenda, Monteiro Lobato começa a pensar em investir em negócios, com o plantio de café, milho e feijão. Entretanto, em 1914, o país sofre um terrível abalo nas políticas econômicas e Monteiro passa a regredir em suas finanças. Esse cenário gera uma profunda insatisfação a ponto de pensar em vender sua fazenda. Em 1917, surge um comprador, e Monteiro Lobato vende sua fazenda. Muda-se com a família para São Paulo.

No ano de 1917, ele mantém sua colaboração na imprensa e suas publicações vão parar nas páginas de *O Estado de São Paulo*, que estampa uma crítica desfavorável à pintura de Anita Malfatti. Dessa crítica surgiram outros embates, que afetaram até Oswald de Andrade. Em 1918, compra a famosa *Revista do Brasil* e se transforma no audacioso escritor-editor Monteiro Lobato, inaugurando sua marca editorial. Para manter sua atividade de empresário, passa a investir na divulgação e tenta ganhar alguns assinantes. O sucesso com o novo projeto o faz ganhar dinheiro com os livros. Nessa época, aproveita para lançar *Urupês*, onde estão reunidos todos os contos já publicados em outras revistas. O livro traz ótimos lucros e acaba validando essa atividade como um progresso para a indústria brasileira. Vale ressaltar que, nesse momento, Monteiro Lobato começa a pensar a literatura como mercadoria. Toda essa boa fase, contudo, acaba se desintegrando a ponto de decretar falência da Gráfica Editora Monteiro Lobato, mas, mesmo assim, o escritor não se desvincula do seu projeto editorial. Assim, em 1925, surge a Companhia Editora Nacional, cujo sócio é o mineiro Octalles Marcondes Ferreira, que passa a cuidar da parte administrativa, e da parte editorial.

Monteiro Lobato passa a escrever para o público infantil e transforma *O Sítio do Picapau Amarelo* em sua principal obra. A mudança para o gênero infantil também é confidenciada ao amigo Rangel em uma das cartas:

Ando com várias idéias. Uma: vestir a nacional as velhas fábulas de Esopo e La Fontaine, tudo em prosa e mexendo nas moralidades. Coisa para crianças. [...] ora, um fabulário nosso, com bichos daqui em vez dos exóticos, se for feito com arte e talento dará coisa preciosa. As fábulas em português que conheço, em geral traduções de La Fontaine, são pequenas moitas de amora do mato – espinhenta e impenetráveis. Que é que nossas crianças podem ler? Não vejo nada. Fábulas assim seriam um começo de uma literatura que nos falta. Como tenho um certo jeito para impingir gato por lebre, isto é, habilidade por talento, ando com idéia de iniciar a coisa. (LOBATO, 1946, p. 104)

*O Sítio do Picapau Amarelo* veio incrementar a literatura infantil brasileira, pois, nessa época, só existiam algumas traduções e adaptações das literaturas infantis europeias. Dessa forma, ele consegue utilizar a linguagem como uma ferramenta inovadora, fantástica e maravilhosa para consolidar seu projeto literário.

Em 1927, muda-se para Nova York e lá planeja a fundação da Tupy Publishing Company. Entusiasmado com os avanços observados nesse país, começa a organizar uma empresa brasileira para produzir aço pelo processo Smith. No ano de 1929, joga na Bolsa de Nova York e, perde tudo o que havia adquirido e como forma de cobrir suas perdas da Bolsa, vende suas ações da Companhia Editorial Nacional. Após sua passagem nos Estados Unidos, Monteiro Lobato retorna ao Brasil em 1931 e funda a Companhia de Petróleo do Brasil. E, nesse mesmo ano, organiza a publicação de várias histórias infantis no volume *Reinações de Narizinho*. Nesse ano, passa a dedicar-se integralmente às campanhas a favor do petróleo e sua economia financeira vem das histórias infantis, pois ele já é um escritor consagrado.

Em 1941, Monteiro Lobato é convidado por Getúlio Vargas a dirigir o Ministério de Propaganda; contudo, por meio de carta, Lobato faz severas críticas à política brasileira de minérios. O conteúdo da carta é visto como desrespeitoso pelo governo. No ano seguinte, ele é preso. No ano de 1946, muda-se para Argentina e prepara a edição de suas obras completas, que serão publicadas pela Editora Brasiliense. Em 1947, regressa ao Brasil. Por fim, no ano de 1947, aos sessenta e seis anos, Lobato morre.

### 3.4 MONTEIRO LOBATO APRESENTA O SEU CLÁSSICO *DOM QUIXOTE DAS CRIANÇAS*

O mundo mágico do Sítio do Picapau Amarelo é o espaço convidativo para apreciar diversas descobertas e novas histórias. Inspirado nesse cenário, Monteiro Lobato, em 1936, apresentou às crianças brasileiras uma versão da literatura ocidental *Dom Quixote de La Mancha*, do escritor espanhol Miguel de Cervantes, cujo protagonista é um fidalgo espanhol, que percorria o mundo em busca de justiça e glórias. Surge, assim, o livro de Lobato intitulado *Dom Quixote das Crianças*, uma adaptação que se tornou um clássico da literatura infantojuvenil brasileira.

Em se tratando de aventura, as personagens lobatianas não ficam de fora, pois convidam os leitores a descobrir que as aventuras de Dom Quixote podem ser conhecidas por meio das leituras de Dona Benta, que, com seu olhar de educadora, apropria-se de várias formas para conquistar seus leitores. No encaixar dessas narrativas, aparecem duas histórias que se entrecruzam: a primeira apresenta a história de Emília e dos outros personagens do Sítio do Picapau Amarelo, a segunda é uma releitura de *Dom Quixote de La Mancha*. Daí surge uma adaptação profundamente convidativa e fantástica, que faz o leitor se tornar mais um ouvinte de Dona Benta.

A adaptação torna-se um grande sucesso, porque Monteiro Lobato consegue encaixar na tradução de um clássico mundial elementos que permitem ao leitor contemplar uma linguagem inovadora, divertida e contextualizada. Marisa Lajolo, no artigo “Lobato, um Dom Quixote no caminho da leitura”, comenta a validade dessa proposta:

O leitor encontra material bastante rico para reflexão sobre questão de leitura, de leitura dos clássicos, da adequabilidade de certas linguagens a certos públicos, do papel a ser representado pelo adulto responsável pela iniciação dos jovens na leitura e mais miudezas. (Lajolo, 2000, p.103)

Dessa forma, nota-se que o valor literário dessa obra foi determinante para apresentar a leitura de um clássico, que passa a ser descoberta e reavivada por Dona Benta, que sabe articular essa essência à realidade de seus ouvintes/leitores.

Nessa passagem, Dona Benta passa a ser a mediadora da leitura das personagens do Sítio e de todos os leitores que optam por acompanhar essa narrativa. Como leitoras de Lobato e ouvintes das histórias de Dona Benta, vimos, com este trabalho, uma oportunidade para trabalhar

a essência do clássico de Cervantes na adaptação de Lobato com alunos do 6º ano do Ensino Fundamental do Colégio Estadual Dr. Thiers Cardoso, localizado no município de Campos dos Goytacazes/RJ.

## 4 A LEITURA EM AÇÃO

Neste capítulo, descreveremos como se efetivou o trabalho no campo. Começamos por apresentar o motivo de termos escolhido o Colégio Estadual Dr. Thiers Cardoso. É importante salientar que, desde o início da pesquisa, planejamos executá-la em uma escola pública, a fim de verificar se, mesmo em meio às dificuldades que se apresentam, era possível desenvolver projetos diferenciados, tendo como pano de fundo um calendário suprimido pelo currículo; também foi nossa intenção averiguar se, embora com tantos conteúdos gramaticais que costumam ser priorizados (uma vez que geralmente são julgados mais importantes que a leitura e a produção de texto), era possível para o professor de língua portuguesa do 6º ano do Ensino Fundamental apresentar os clássicos para seus alunos. Assim sendo, escolhemos o Colégio Dr. Thiers Cardoso por se tratar de uma escola pública, que oferta o segundo segmento de ensino. A escolha também se deu pela razão de ela contemplar alunos com condições sociais heterogêneas, o que contribuiu para verificar se a falta de interesse pela leitura e o pouco investimento das famílias em aquisição de livros para os seus filhos independia ou não da condição financeira do aluno.

Escolhida a escola, fizemos contato com a diretora Sr<sup>a</sup> Verônica de Oliveira Arêas Sezário e com a orientadora pedagógica Sr.<sup>a</sup> Paula Braga Torres, que nos receberam de forma muito acolhedora, dando total apoio e confiabilidade à nossa pesquisa.

A turma escolhida para a realização da pesquisa foi a 601- matutina, porque é a única em que trabalha professora de Língua Portuguesa, Sr.<sup>a</sup> Fabiane Maria Vieira Pinto, que, gentilmente, nos acompanhou na execução das oficinas. Relembramos que a preferência por realizar a pesquisa no 6º ano do Ensino Fundamental se deu porque este segmento foi julgado por nós como sendo o que merece significativa “urgência” no que tange ao incentivo à leitura, uma vez que é nessa série que o aluno começa a ampliar a sua visão de mundo e tem um maior contato com a leitura e a produção de texto.

Assim que a escola e a professora concederam o aval para iniciar a pesquisa, preparamos um cronograma - baseado na agenda da professora - contendo seis oficinas de leitura.

Primeiramente, julgamos necessário elaborar um questionário sobre leitura com o intuito de conhecer o perfil da turma e o contato que cada aluno tinha com a leitura antes da realização do projeto.

Informamos que os momentos de preparação das oficinas, da feitura manual e da compra de materiais foram muito prazerosos e de grande realização pessoal e profissional, uma vez que adentramos no “universo do sexto ano”, procurando conhecer os melhores métodos para atrair a atenção de alunos que estão em uma intensa fase de inquietação e de dificuldade de concentração. Também buscamos utilizar materiais didáticos que são comuns ao dia a dia deles, a fim de melhor ambientá-los nas oficinas sem lhes causar nenhum mal-estar ou estranhamento.

Sendo assim, selecionamos os primeiros materiais para as oficinas: as cópias do livro (dezesseis apostilas espiraladas, as quais atenderiam quinze duplas e um trio, pois trabalhamos com um quantitativo de trinta e três alunos. Ao compartilharmos as apostilas, promoveu-se a interação entre os colegas e mostrou-se também a importância de aprender a dividir o material com outrem); a obra original *Dom Quixote de La Mancha*, para mostrar que a obra *Dom Quixote das Crianças*, de Monteiro Lobato, foi inspirada no clássico de Cervantes; dezesseis crachás coloridos, para identificação das duplas e dos trios (no intuito de promover leituras divididas, por meio de “leitura sorteada”); visuais coloridos, contendo as personagens do sítio e de Dom Quixote, a fim de atrair a atenção para a plasticidade das formas do livro, que é repleto de figuras; e o questionário impresso, preparado de forma bem lúdica e atrativa, a fim de atrair os alunos para um “bate-papo” sobre leitura, procurando evitar quaisquer desistências ou possíveis faltas de interesse em responder às perguntas.

#### **4.1 PRIMEIRA OFICINA: APRESENTAÇÃO DO PROJETO DE LEITURA *DOM QUIXOTE DAS CRIANÇAS***

A primeira oficina foi realizada no dia 21 de abril de 2017. Ao chegar à sala, apresentamo-nos para a turma em tom bem descontraído e animado. Explicamos que se tratava de um projeto de leitura intitulado “Dom Quixote das Crianças”, que seria desenvolvido em alguns encontros. Incentivamos a participação em todas as etapas, comunicando que seria uma experiência nova para eles e também porque a soma dessas atividades acarretaria em ponto extra. Os alunos nos receberam muito entusiasmados e calorosos.

Ao distribuímos os questionários, notamos a alegria dos alunos ao olhar uma folha tão colorida e atraente, não somente pelas figuras escolhidas, mas por termos utilizado o termo “bate-papo”, inserido na estrutura visual do questionário em forma do bate-papo do Facebook. O momento foi de bastante descontração e alegria. Fizemos uma leitura do questionário em voz alta, a fim de chamar a atenção para os comandos das questões. Antes da leitura, no entanto, fizemos um “quebra-gelo”, pedindo para eles “cliquem” no bate-papo para iniciar a conversa.

As perguntas foram lidas uma por vez e todos tinham que responder ao mesmo tempo, para que eles não se dispersassem e aprendessem a esperar uns pelos outros. Esse momento também foi maravilhoso, porque uns escreviam mais rápido que os outros e, com isso, queriam logo passar para a próxima pergunta, mas nós os orientávamos a esperar os outros colegas terminarem de “digitar” as suas respostas, lembrando-lhes que era um bate-papo em grupo.

Finalizada a oficina, recolhemos os questionários<sup>3</sup> para a compilação dos dados e agradecemos a participação de todos os alunos, que se mostram satisfeitos, dispostos e ansiosos a embarcarem nos próximos encontros. Seguem os gráficos com os dados referentes às perguntas.

GRÁFICO 1



GRÁFICO 2



<sup>3</sup> O modelo do questionário está disponível nos anexos.



GRÁFICO 3



GRÁFICO 4

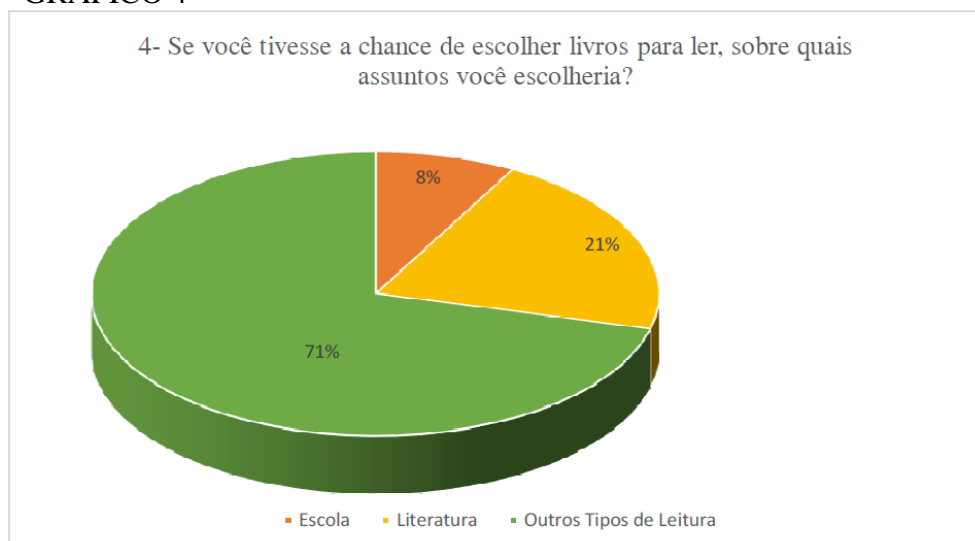


GRÁFICO 5



GRÁFICO 6

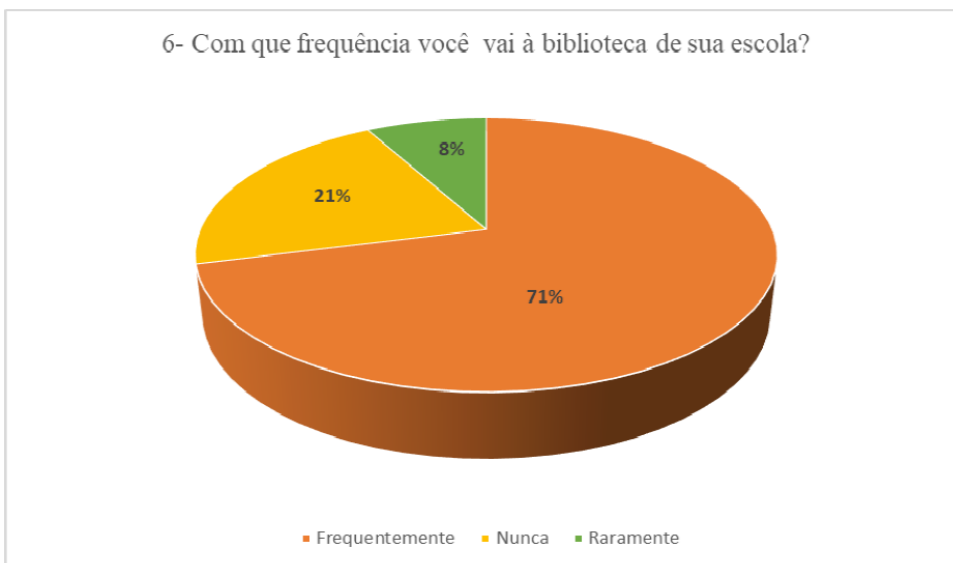
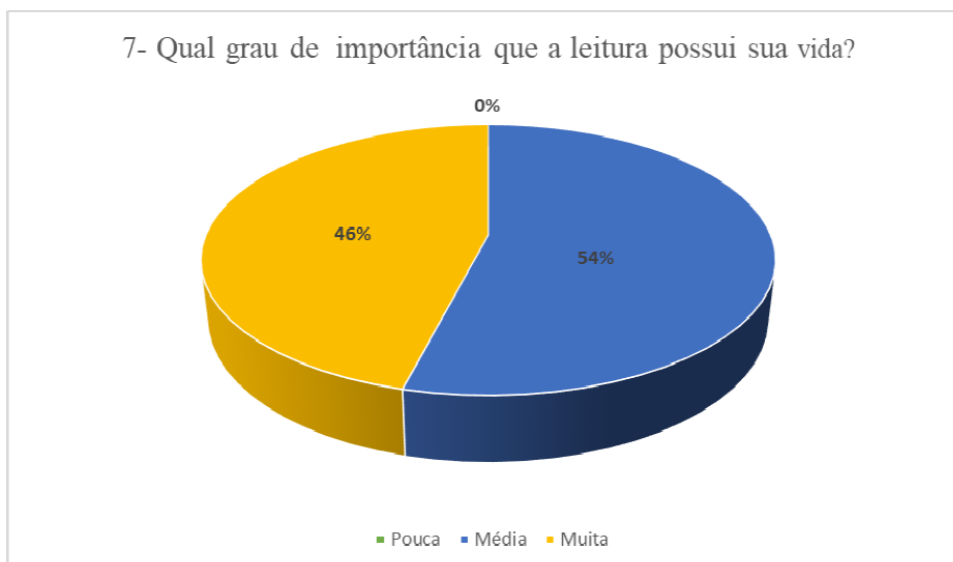


GRÁFICO 7



## 4.2 SEGUNDA OFICINA: OS ALUNOS CONHECEM *DOM QUIXOTE DAS CRIANÇAS*, DE LOBATO.

A oficina de leitura do livro *Dom Quixote das Crianças* foi realizada em 18 de maio de 2017 e planejada para ser executada em dois tempos de 50 minutos, ou seja, duas horas-aula da turma 601 do Colégio Estadual Dr. Thiers Cardoso.

### 4.2.1 Primeira parte da segunda oficina de leitura: análise dos aspectos extratextuais

Na primeira parte, cumprimentamos os alunos e apresentamos todas as atividades que estavam planejadas para aquele dia. Logo a diante, eles foram conduzidos a uma análise de

dados extralinguísticos que permeiam a escolha da obra. Nesse momento, José Bento Monteiro Lobato foi apresentado, não apenas como o autor do livro *Dom Quixote das Crianças*, mas também como incentivador do processo de formação de leitores e grande precursor da literatura infantojuvenil no Brasil. Também se apresentou a Miguel de Cervantes, o autor de um dos livros mais lidos da literatura ocidental, cuja primeira parte foi publicada em 1605 e a segunda em 1615. Considerado pela crítica literária o primeiro grande romance da modernidade, o livro *Dom Quixote De La Mancha* permeia de forma incisiva a narrativa Lobatiana.

Na sequência, os alunos conheceram por meio de quadros ilustrativos, produzidos pelas autoras deste trabalho, as personagens que transitam as narrativas. Vale ressaltar que essa experiência foi muito prazerosa, pois possibilitou a interação entre os discentes e pesquisadoras-professoras em formação. As personagens principais de Lobato são: Emília, Narizinho, Visconde, Pedrinho, Tia Nastácia e Dona Benta. A apresentação desencadeou nos estudantes uma euforia, pois eles queriam caracterizá-las de forma integral, segura e convincente. A partir dessa identificação, eles foram ouvidos e aos poucos passamos a aproveitar aquelas respostas para articulá-las a novas perguntas que pudessem efetivar a interação entre os participantes. Tais perguntas não só dialogaram com as respostas geradas pelas imagens das personagens como também consolidaram a etapa, pois, ao serem ouvidos, eles estavam não apenas interagindo, mas também compreendendo a relevância das personagens apresentadas para a arquitetura da narrativa.

Os dois últimos quadros de apresentação de personagens, o de Dom Quixote sobre o cavalo Rocinante e o de Sancho Pança causaram-lhes, entretanto, estranheza. Quando percebemos o estranhamento, buscamos esclarecê-lo explicando aspectos que surgiriam na narrativa.

Outro quesito exibido na análise extralinguística foi a leitura visual das imagens da capa do livro. Antes da execução dessa ação e como uma forma de facilitar a análise do objeto, entregamos aos alunos as cópias do livro *Dom Quixote das Crianças*. Foram produzidas 16 cópias espiraladas do livro na Produção Gráfica do IFFluminense *campus* Campos Centro, tendo em vista a perspectiva de atender quinze duplas e um trio de alunos. Dessa forma, durante as oficinas, trabalhamos com um total de trinta e três alunos.

Com os livros em mãos, os alunos puderam executar a análise visual das imagens que aparece na capa. Cada dupla destacou uma característica relevante, a saber: “a cor predominante na imagem é verde”, “os espaços seriam caminhos que levam a um castelo”, “há uma pedra que sustenta um livro” e “existe um homem vestido com armadura”. As personagens foram descritas

como “uma boneca que era a personagem Emília, um menino que era o personagem Pedrinho, uma menina que era a Narizinho, duas senhoras, uma que era Dona Benta e outra Tia Nastácia”, por fim, destacaram a presença de um boneco que era o personagem Visconde. Desse modo, os alunos já começavam a se familiarizar com as personagens de Lobato.

#### **4.2.2 Segunda parte da segunda oficina de leitura: no desenrolar de uma leitura havia uma incrível aventura**

Na segunda parte da oficina, os alunos iniciaram a leitura do livro *Dom Quixote das Crianças*. Essa etapa foi devidamente estruturada e planejada, após o primeiro contato com a turma e também com a professora Fabiane. As ações foram pensadas e se materializaram a partir de um roteiro direcionado para a segunda oficina, dando margem para a flexibilidade e as adaptações necessárias à execução das demais.

Como forma de efetivar o primeiro contato com a leitura, selecionamos capítulos que promovessem um diálogo com os alunos, de modo que eles pudessem observar que o livro é uma adaptação do clássico *Dom Quixote de La Mancha*, de Cervantes. No meio dessa essência clássica, encontram-se as personagens do Sítio, que não embarcam sozinhas nessa aventura, mas convidam os leitores, ou melhor, os alunos da turma 601 a experimentar de perto todas as peripécias de Quixote.

As leituras do primeiro capítulo intitulado “Emília descobre Dom Quixote” e do segundo “Dona Benta começa a ler o livro” foram feitas em voz alta. O intuito de realizar esse tipo de leitura foi o da aproximação dos sujeitos com o estudo do objeto, ou seja, nessa condição estaríamos promovendo a aproximação do texto com os leitores. Para esses capítulos foi utilizada essa técnica, pois já havíamos compreendido, por meio das respostas dos questionários, que os alunos não tinham o hábito da leitura. Como forma de atraí-los, pensamos que, na leitura oral, encontram-se mecanismos performáticos, tais como a imposição da voz, a entonação, o ritmo dos diálogos e a adequação da pontuação, que contempla linearmente a narrativa. Outro ponto determinante para a escolha dessa técnica foi compreender que a leitura é capaz de promover uma partilha de sentidos, de emoções e informações. O sujeito passa a fazer considerações visando ao coletivo, ou seja, o compartilhamento de informações lógicas e criativas.

O efeito dessa prática de leitura foi profundamente apreciado pela maioria dos alunos que não só demonstraram que estavam acompanhando o desenrolar da leitura como também

passaram a questionar certas situações vivenciadas pelas personagens de Lobato, isto é, compreenderam o que foi lido e, a partir daí, fizeram suas próprias considerações e inferências.

Tomando a narrativa como análise e como forma de justificarmos a escolha para esse tipo de leitura oralizada, propusemos uma reflexão sobre a forma como a personagem Dona Benta articula a leitura, ocupando a posição de uma avó que conta histórias para crianças, “(...) Dona Benta, na noite desse mesmo dia, começou a ler para os meninos a história do engenhoso fidalgo da Mancha” (LOBATO, p. 16).

Outro exemplo na narrativa que acaba evidenciando tal postura de Dona Benta é quando ela explica a importância dos clássicos para formação de leitores:

— Meus filhos — disse Dona Benta —, esta obra está escrita em alto estilo, rico de todas as perfeições e sutilezas de forma, razão pela qual se tornou clássica. Mas como vocês ainda não têm a necessária cultura para compreender as belezas da forma literária, em vez de ler vou contar a história com palavras minhas (LOBATO: s.d, p. 17).

Fora da narrativa, tal exemplo serve para evidenciar um modelo extremamente relevante na formação de leitores, pois privilegia a posição de mediador, isto é, aquele que desenvolve estratégias significativas para o ensino-aprendizagem da leitura. Neste trabalho, acreditamos que o professor de língua portuguesa deve ter esse papel de mediador de leituras em sua sala de aula.

Após a reflexão, apresentamos o terceiro capítulo: “Primeiras aventuras” e o quarto “Terrível combate”, lidos em voz alta pelos alunos, após um sorteio realizado minutos antes da entrega dos livros. Combinamos com eles que essa forma de leitura seria chamada de “Leitura Sorteada”. Esse sorteio consistiu em entregar um número para cada dupla; logo, tínhamos quinze duplas e um trio. Os parágrafos desses capítulos foram divididos pelas autoras, que mediaram o processo de forma que cada aluno pudesse realizar a leitura de um parágrafo, ao longo dos capítulos. Esse tipo de leitura contemplou a participação de todos os alunos.

Ao final dessa etapa, propusemos uma reflexão dos capítulos lidos. Fomos surpreendidas positivamente, pois observamos que os alunos não apenas compreenderam o significado da narrativa como também apresentaram comentários significativos e pertinentes através de exemplos. E, à medida que expuseram as ideias, acabaram preenchendo as lacunas, ou seja, trouxeram essa reflexão para o próprio tempo deles e conseguiram ressignificar por meio de seu conhecimento de mundo as lacunas que surgiram na leitura dos capítulos. Dessa forma, provaram que o texto não é um aglomerado de frases, pelo contrário, é uma estrutura aberta,

dinâmica, capaz de gerar sentidos, de promover reflexão a ponto de se buscar o melhor caminho para se chegar à interpretação.

Não conseguimos, entretanto, trabalhar da forma como imaginávamos a “leitura sorteada”, porque cada aluno tem sua forma e seu modo particular de realização da leitura, visto que, por ser tratar de uma aprendizagem que envolve sujeitos com diferentes perspectivas e identidades, não podemos enquadrá-los num mesmo plano de análise. Se são sujeitos diferenciados social, histórico e culturalmente, logo o ritmo também é diversificado, alternando leituras mais altas com outras mais baixas, gerando, assim, uma dissonância quanto ao ritmo empregado. Essa situação não se tornou um problema para nossa análise; ao contrário, ela nos fez refletir que toda prática docente deve contemplar todos os sujeitos envolvidos no processo educativo e não apenas aqueles que possuem mais facilidade e estão mais dispostos a compreendê-la. Devemos pensar a coletividade, evidenciar a diferença, de forma que possamos articular nossas ações e estratégias de ensino, aguçando a criatividade, a reflexão, a curiosidade para que cada sujeito se sinta pertencente ao processo de ensino- aprendizagem.

Outro ponto observado nessa oficina foi que os alunos tiveram dificuldade para compreender palavras inusuais que surgiram na narrativa. Temos que lembrar que o livro de Lobato foi escrito na década de 30 do século XX. Como forma de minimizarmos esses estranhamentos, utilizamos o dicionário como uma ferramenta para ampliar o conhecimento do vocabulário e compreender os múltiplos significados das palavras e das expressões, permitindo-lhes uma abordagem dos aspectos históricos e das variações lexicais através do tempo.

### **4.3 TERCEIRA OFICINA: OS ALUNOS CONTINUAM CONHECENDO AS AVENTURAS DE DOM QUIXOTE**

A terceira oficina aconteceu em 31 de maio de 2017. Prosseguimos com a leitura dos capítulos do livro. Desta vez, verificamos que era necessário aproximar a história da realidade em sala de aula, sem exigir muito a leitura em voz alta, porque constatamos que o cotidiano dos alunos está focado no diálogo, na interação, na entonação, e não apenas na leitura silenciosa, individual e/ou guiada.

Optamos, então, por dialogicizar o enredo, a fim de atraí-los para as oficinas posteriores ao momento da leitura em grupo. Ficamos satisfeitas e maravilhadas ao constatar o quanto essa estratégia foi eficaz. Antes de narrar e “encenar”<sup>4</sup> com gestos e entonações diversas a sequência

---

<sup>4</sup> O termo encenar foi utilizado aqui no sentido de usar gestos e mímicas no momento da narração, não em seu sentido original, que requer infraestrutura e local apropriado.

dos capítulos “Primeiras aventuras” e “Terrível Combate”, promovemos um resumo da oficina anterior e perguntamos se eles se lembravam dos primeiros capítulos. O resultado surpreendeu-nos, pois, mesmo em meio ao cenário de falta de concentração que ocorreu na segunda oficina, foi possível descobrir outra faceta inerente aos alunos do 6º ano: a de absorver o conhecimento, mesmo em um ambiente de barulho e “algazarra”.

Ao pedirmos que eles relembassem o início dos episódios, 80% da turma respondeu com riqueza de detalhes o passo a passo da história, juntamente com o nome das personagens.

A partir da fala deles, fomos narrando a sequência de capítulos selecionados para aquele dia, gesticulando, passeando por meio da sala, envolvendo-os na história, sugerindo exemplos atuais das facetas de Dom Quixote e todos eles ficaram compenetrados até o fim.

Quando narramos a última parte do capítulo, dissemos a frase: “continuaremos na semana que vem”. Todos se entristeceram e falaram: “tias, contem mais”, “não acaba agora não”.

Tais expressões e reações foram extremamente gratificantes e serviram como “mola propulsora” para tentarmos provar, por meio desta pesquisa, que é possível e totalmente recomendável formar leitores a partir da apresentação e da leitura dos clássicos e de boas adaptações dos clássicos desde cedo, não somente porque seus temas são atraentes e universais, mas também por sua estrutura textual complexa, conforme afirma a notícia intitulada “Leitura de autores clássicos estimula o cérebro, diz estudo”<sup>5</sup> da coluna “Bem-estar”, do portal on-line G1, que apresentou um estudo da Universidade de Liverpool, no Reino Unido, sugere que ler autores clássicos, como Shakespeare e T.S. Eliot, estimula a mente. A reação cerebral de que fala a notícia pôde ser verificada já na segunda oficina, ao lermos fragmentos do livro em voz alta. Alguns alunos perguntaram o significado de algumas palavras desconhecidas do universo deles, mas comuns aos leitores mais amadurecidos. Como exemplo, destacamos o interesse pela palavra “albergue”, lugar em que Dom Quixote realiza a primeira aventura, na tentativa de ser coroado cavaleiro andante. Esses “estranhamentos” foram sanados com uso de dicionários e com as nossas interpelações, explicando-lhes, de forma breve e simplificada, o que é e como são as características de uma obra clássica. Tais interpelações foram integradas as falas da personagem Dona Benta, que explicava para as crianças do Sítio a importância da leitura de outros clássicos:

Dona Benta continuou: - O visconde de Castilho foi dos maiores escritores da língua portuguesa. É considerado um dos melhores clássicos, isto é, um dos que escreveram em estilo mais perfeito. Quem quiser saber o português a fundo, deve lê-lo – e também Herculano, Camilo e outros. (LOBATO, 2016, p. 16).

<sup>5</sup> Fonte: [www.g1.globo.com](http://www.g1.globo.com). Acesso em 03 de setembro de 2017, às 21h.

Uma vez finalizado o momento de contação de história, como forma de fixação, propusemos uma atividade que consistiu na solicitação de um desenho, distribuimos folhas de papel A4 e caixas com lápis de cor e pedimos para eles desenharem qualquer objeto ou expressão que relembresse a sequência da história. Os alunos começaram a confeccionar os desenhos, mas, como o tempo disponibilizado para esta oficina não foi suficiente, recolhemos os desenhos para eles terminarem no próximo encontro.

#### **4.4 QUARTA OFICINA: O RECOLHIMENTO DOS DESENHOS**

A quarta oficina ocorreu no dia 01 de junho de 2017. Dispusemos de uma aula, isto é, de um prazo de cinquenta minutos para terminar uma atividade que teve início na terceira oficina. Quando chegamos à sala, cumprimentamos os alunos e explicamos que aquela oficina seria uma continuação da aula anterior; logo, eles teriam uma aula para finalizar e entregar os desenhos.

Após essa breve introdução, pedimos que sentassem em dupla. Entregamos-lhes os desenhos inacabados, que, entre um traço e outro, já mostravam imagens incríveis. Como forma de aperfeiçoar as atividades desenvolvidas, entregamos os livros para uma eventual consulta e oferecemos caixas de lápis de cor, a fim de aprimorar a qualidade dos trabalhos.

Para dialogar com esse viés artístico e como forma de tornar a atividade mais agradável, propusemos que fosse feita sob um fundo musical. Assim, escolhemos as músicas do CD do *Sítio do Picapau Amarelo*. Esse diálogo foi bem avaliado pelos alunos, que passaram a cantarolar durante a produção artística.

Ao final da atividade, os alunos entregaram as folhas e foram liberados. Ao recebermos, agradecemos a cada um pela presença naquela oficina e por participar da nossa pesquisa de campo.

Ao analisarmos os desenhos, ficamos muito satisfeitas, pois vimos que o nosso objetivo tinha sido alcançado. Apostamos em uma atividade em que pudéssemos conferir o aprendizado de forma suave, divertida e agradável e, acima de tudo, uma proposta que articularia a essência da narrativa com a compreensão lúdica dos alunos. Temos que lembrar que o ato de desenhar é visto como um modo de expressar o conteúdo apresentado, integrando também a ele a vivência de mundo que o indivíduo possui. Sobre esse modo de expressar, Silvia Marina G. dos Reis (2002, p. 48) diz que, “quando pensamos em desenho infantil, devemos ter em mente que para a criança o desenho é uma linguagem, assim como o gesto e a fala”. Essa concepção apresentada



pela autora foi válida para a escolha do ato de desenhar como uma atividade para os alunos de nossa oficina, visto que ainda estão inseridos na faixa de idade entre 11 e 12 anos.

Desse modo, atribuímos ao desenho um caráter não apenas estético, mas uma leitura artística e significativa dos capítulos da narrativa trabalhados até aquele momento. Para o desenvolvimento dessa etapa, optamos por tal forma de aprendizagem, pois percebemos o desenho como uma manifestação artística que privilegia a articulação com a linguagem, o pensamento, a socialização e possibilita outra forma de interpretação e compreensão de leitura de mundo.

Por fim, emprestamos os livros para os alunos lerem em casa, pois a oficina de leitura iria dar uma pausa por alguns dias, para que a professora da turma pudesse organizar suas atividades pedagógicas. O empréstimo foi uma tentativa de a leitura não ser interrompida durante esses dias.

#### **4.5 QUINTA OFICINA: OS ALUNOS DESPEDEM-SE DE *DOM QUIXOTE DAS CRIANÇAS***

A quinta oficina teve início no dia 22 de junho de 2017. Dispusemos de duas aulas, para apresentar todas as ações que havíamos pensado. Como forma de organização, clareza e direcionamento das sequências didáticas apresentadas para essa oficina, optamos em estruturá-las em três momentos:

##### **4.5.1 Entrelaçando os ajustes iniciais**

Ao chegamos à sala do 6º ano, cumprimentamos os alunos e explicamos como seriam desenvolvidas todas as etapas, pensadas para aquela oficina. Antes de perguntarmos sobre as leituras realizadas em casa, apresentamos-lhes a autorização<sup>6</sup> para a participação no Projeto de Leitura. Diante dessa proposta, explicamos que o envio dessas autorizações aos responsáveis legais comprovaria o envolvimento deles com as atividades propostas.

Depois de distribuímos as autorizações aos alunos, fizemos a sua leitura e explicamos como o responsável deveria assiná-la. Em seguida, realizamos a conferência dos livros emprestados aos alunos na aula anterior. Vale ressaltar que todo o material emprestado foi devolvido, mas, quanto à leitura, observamos que a maioria dos alunos não conseguiu realizá-la. A não realização da leitura não nos desencadeou frustrações; pelo contrário, trabalhamos a

---

<sup>6</sup> A autorização enviada aos pais encontra-se disponível em anexo.

relação entre leitura e leitor como um processo dialógico e recíproco, e não como uma relação impositiva e superficial.

Os alunos que não leram alegaram que não dispuseram de tempo para a ação, pois estavam sobrecarregados com trabalhos escolares; entretanto, um número menor disse que realizou a leitura do livro. Dessa forma, esses alunos foram movidos por uma enorme euforia e quiseram apresentar a história aos que não leram.

Para não prejudicar a compreensão dos que não dispuseram de tempo para realização da leitura, recapitulamos as oficinas passadas e, a partir dessa etapa, prosseguimos a leitura dos capítulos finais. Antes, porém, pedimos que cada aluno procurasse sua dupla ou o seu trio, pois a leitura seria retomada.

#### **4.5.2 Término das leituras do livro *Dom Quixote das Crianças***

Para a concretização desta etapa, optamos por trabalhar as leituras dos seguintes capítulos: “A queima dos livros”, “Primeira aventura em companhia de Sancho”, “Renascimento do Visconde”, “Pancadaria em Dom e Sancho”, “ Combate com os carneiros”, “O que aconteceu na estalagem”, “A volta do engaiolado”, “ Aventura do carro da morte” “ A grande coragem de Dom Quixote diante dos leões”, “ A barca encantada. Dom Quixote encontra o duque”, “ História de Dolorida. O cavalo encantado”, “Conselhos de Dom Quixote”, “Sancho Pança assume o governo da ilha e o que lhe acontece pelo caminho”, “ Dom Quixote em Barcelona” e “Cavaleiro da Branca Lua”.

Direcionamos as leituras desses capítulos de forma oralizada, buscando, em cada aventura percorrida por “Dom Quixote” e acompanhada pelas personagens do “Sítio do Picapau Amarelo”, a participação dos alunos da turma. Assim, entre o término de um capítulo e o início de outro, fizemos interrupções na sequência da leitura, para ouvir as percepções dos alunos, que, ao serem estimulados, contribuíam de forma positiva para ampliar a dinâmica proposta.

Após trabalharmos os capítulos descritos acima, apresentamos o último: “Doença e morte de Dom Quixote”. Para esse capítulo, pedimos aos alunos que fizessem uma leitura individual e silenciosa, ação que permitiu aos alunos refletirem sobre o que foi lido.

Quando todos terminaram, pedimos que cada um expusesse o seu ponto de vista *Dom Quixote das Crianças*. Durante esse momento, não fizemos nenhum comentário, apenas direcionamos e motivamos os alunos a apontar suas convicções e impressões a respeito do que foi lido. Logo, pudemos observar que eles não apenas compreenderam a narrativa, mas puderam

se posicionar a partir do que foi lido por meio das diversas inferências e respostas sobre a narração.

#### **4.5.3 Na minha história em quadrinho existe uma nova aventura de Dom Quixote.**

Nesta última etapa, propusemos uma atividade final que pudesse contemplar o trabalho com imagens, de forma criativa e lúdica, e que estivesse articulada à compreensão e à interpretação da leitura do livro. As junções desses fatores avaliativos nos conduziram ao trabalho com o gênero textual história em quadrinhos.

Nesse sentido, antes da execução da atividade, procuramos apresentar os signos linguísticos incorporados à linguagem verbal e à linguagem não verbal, os quais constituem a estrutura desse gênero, que, segundo Rezende (2009 p. 126) pode ser observada como:

As HQs são “(...) obras ricas em simbologia – podem ser vistas como objeto de lazer, estudo e investigação. A maneira como as palavras, imagens e as formas são trabalhadas apresenta um convite à interação autor-leitor.

A escolha dessa atividade acabou contribuindo de forma significativa para que os alunos pudessem criar e desenvolver suas respectivas histórias em quadrinhos. Tal escolha também ajudou a reforçar positivamente o conteúdo, que já havia sido abordado pela professora durante as aulas de língua portuguesa e, conseqüentemente, seria cobrado na avaliação bimestral.

Para realização da história em quadrinhos, elegemos dois critérios avaliativos: o primeiro consistia na apresentação de elementos que pudessem contemplar os aspectos analisados pela dupla, formadas desde o início das oficinas de leitura. O segundo critério procurou estimular os alunos para a construção de uma nova aventura, em que ilustríssimo fidalgo da Mancha estivesse presente.

Após exposição desses critérios, fornecemos, a cada dupla, materiais pedagógicos que pudessem auxiliá-las na produção das histórias em quadrinhos. Logo em seguida, os alunos deram início à atividade, mas, devido ao término da aula, acabou sendo finalizada na sexta oficina.

#### **4.6 SEXTA OFICINA: DOM QUIXOTE PERCORRENDO MINHA HISTÓRIA EM QUADRINHO**

A sexta oficina, realizou-se início no dia 23 de junho de 2017. Dispusemos de uma aula, isto é, de um prazo de cinquenta minutos, para terminar uma atividade que teve início na quinta oficina.

Quando chegamos à sala do 6º ano, cumprimentamos os alunos e explicamos como seria desenvolvida a atividade. Antes de darmos continuidade à proposta, recolhemos as autorizações que enviamos aos pais no dia anterior e, em seguida, demos prosseguimento à tarefa que começara na aula anterior.

Após essa breve introdução, pedimos aos alunos que sentassem em dupla. Aos poucos procuraram seus pares e acomodaram-se. Em seguida, entregamos para cada dupla as histórias em quadrinhos iniciadas anteriormente.

À medida que os alunos executavam a tarefa, colocamo-nos à disposição para solucionarmos possíveis dúvidas que eles pudessem ter ao longo da atividade. Vale ressaltar que todo direcionamento das ações, ou seja, dos aspectos principais para construção dessa proposta foram colocados no quadro como material de consulta, conforme fizemos na aula anterior.

Durante a realização dessa oficina, buscamos incentivá-los para que se sentissem confortáveis e entusiasmados. Como forma de auxiliá-los e para melhor aperfeiçoar essa etapa, entregamos-lhes os livros para uma possível consulta e emprestamos caixas de lápis de cor para aprimorar a qualidade dos desenhos.

Ao término da aula, os alunos entregaram os materiais emprestados e a atividade proposta. Ao recebermos, agradecemos-lhes a presença e participação em nossa oficina.

Essa etapa foi muito bem articulada, pois pudemos observar que os alunos interagiram uns com os outros e buscavam articular a construção da história em quadrinho com o sentido principal que havia ficado da leitura do livro. Vimos que o espaço original da narrativa foi alterado, isto é, foi readaptado de acordo com os processos criativos dos alunos; entretanto a essência da personagem quixotesca permaneceu inserida nessa nova construção. Os alunos não alteraram o perfil psicológico da personagem; pelo contrário, mantiveram-se fiéis à essência do cavaleiro justiceiro e cheio de princípios.

#### **4.7 SÉTIMA OFICINA: A FINALIZAÇÃO DO PROJETO DE LEITURA**

A oficina de encerramento do projeto de leitura *Dom Quixote das Crianças* teve sua realização no dia 05 de julho de 2017 e foi efetivada em dois tempos de aula.

O intuito desse encontro foi resgatar todo o conteúdo trabalhado no decorrer do projeto, os quais foram: a importância da leitura na vida diária como instrumento de formação do cidadão crítico e a essência universal do livro. Nessa oficina, também, preparamos um momento de agradecimento a todos os envolvidos, sem os quais, não seria possível o sucesso e completude do trabalho. Tal agradecimento foi demonstrado por meio de uma confraternização e pela entrega de certificados, construídos com muito esmero, pois foram pensados para incentivar o hábito da leitura e perpetuar a participação dos alunos na Oficina de Leitura Dom Quixote das Crianças.

Antes de descrever todas as etapas cumpridas nesta oficina, é importante salientar que preparamos um ambiente lúdico e atrativo para receber os alunos. Tal decoração foi previamente elaborada a fim de resgatar os aspectos artísticos do livro.

Sendo assim, construímos um painel que serviu de pano de fundo para a arrumação. Ele foi centralizado no meio da sala por detrás da mesa principal. Nele, foram aplicadas imagens das personagens do livro. A mesa foi decorada com um bolo temático, que continha a capa do livro, a boneca Emília e os refrigerantes.

Ao lado dessa mesa principal, preparamos um segundo ambiente, com outra mesa com livros e um segundo painel. Nesta mesa, foram incluídas as cópias do livro, os livros originais e outras obras de Monteiro Lobato. Afixados nesse segundo painel, foram colocadas plaquinhas que lembravam a importância da leitura e do ato de ler diariamente. As carteiras da sala foram dispostas no ambiente em formato de círculo a fim de promover uma melhor interação no último bate-papo sobre a leitura e sobre as oficinas de leitura.

Terminado o processo de arrumação de ambiente, os alunos foram convidados a entrar e experimentar todo aquele espaço, construído com carinho para agradecer a participação de cada um no projeto. Nesse momento, aproveitamos para ressaltar a importância de se trabalhar em grupo, de se respeitar os colegas, o professor e as regras de conduta que geralmente são estabelecidas em qualquer momento de interação com o próximo.

Em seguida, relembramos cada etapa realizada nas oficinas: a aplicação do questionário, o contato com as cópias do livro, as músicas-tema do Sítio do Pica-pau Amarelo, que serviram de musicalização de ambiente e as oficinas dos desenhos, que despertaram o lado artístico de cada aluno e uma melhor apropriação do conteúdo trabalhado.

Pedimos que os alunos relembassem a história do livro, e a maioria deles resgatou da memória as principais aventuras e a essência do personagem Dom Quixote de La Mancha, que é a de ser um homem bom, que pratica o bem acima de qualquer obstáculo.

Após a fala dos alunos, ressaltamos que o personagem Dom Quixote apresenta a essência de um sonhador, que luta pelos seus objetivos e, apesar de seus incansáveis devaneios, deixa para nós como legado a importância de repensar nossas ações e refletir os valores éticos e morais, que permeiam nossas relações sociais. A partir dessas ideias, recuperamos os fragmentos do livro que falam sobre leitura e sobre os clássicos, a fim de discutir a essência apresentada pela obra.

Nessa etapa, recorreremos ao livro para enfatizar a importância que Dona Benta dá a leitura e o quanto o ato de ler faz parte do dia a dia das crianças do Sítio, uma vez que a vovó sempre promovia, à noite, o momento de contar histórias. Mostramos, então, que, nesse ritual promovido pela Dona Benta, a leitura sempre foi uma grande aliada na formação social das crianças do Sítio, pois, ao final de cada história, elas saíam mais espertas, criativas e sonhadoras.

Evidenciamos que não foi a leitura que deixou Dom Quixote “maluco”; ao contrário, a partir dela, o fidalgo se tornou um grande conhecedor de todas as histórias de cavalaria do mundo. Nesse comentário, aproveitamos para lembrar o contexto histórico do autor Miguel de Cervantes ao escrever o clássico original, que era de fazer troça às novelas de cavalaria.

Por final, selecionamos as últimas páginas do livro que narram a não aceitação de Emília sobre a morte do Dom Quixote, “– Bolas para a natureza! – gritou a boneca. – Para mim Dom Quixote não há de morrer. Não quero ouvir o resto da história. Até logo.” (LOBATO, 2016, p. 149). “Por várias vezes Narizinho tentou contar a Emília a morte do cavaleiro da Mancha. Emília tapava os ouvidos. – Morreu nada! – dizia ela. – Como morreu se Dom Quixote é imortal?” (LOBATO, 2016, p. 151). Tais fragmentos serviram para resgatarmos a imortalidade do clássico, que permanece intacto e atraente ao longo da vida, pois seus assuntos são sempre atuais.

Dito isso, informamos que, a partir do projeto, o livro *Dom Quixote das crianças* ficaria eternizado nos alunos, assim como ficou nas autoras deste trabalho e na personagem Emília, e, se eles desejassem, poderiam dar continuidade ao projeto ao longo de suas vidas, a partir da efetivação do hábito de leitura e do interesse em buscar a aprendizagem em outros clássicos. Dessa forma, eles mesmos comporiam novos repertórios de leitura, como fazia o personagem Pedrinho:

- Eu sei o que é cavalaria – disse Pedrinho (...) Montando em cavalos que eles diziam ser corcéis e saíam pelo mundo espetando gente, abrindo mouros pelo meio com espadas medonhas. As proezas que faziam eram de arrepiar os cabelos. Já li a história de *Carlos Magno e os doze pares de França* (LOBATO, 2016, p. 18).

Finalizado esse momento de resgate da obra, promovemos a entrega dos certificados<sup>7</sup>, os quais foram previamente elaborados com intenção de incentivar os alunos a continuarem se graduando na área da leitura, procurando também validar a importância da participação nas oficinas.

Sendo assim, cada aluno foi chamado individualmente, respeitando a ordem apresentada no diário escolar, para o recebimento do certificado. A cada entrega, os alunos foram presenteados com um doce e convidados a registrar tal momento, por meio de uma fotografia. Essa etapa promoveu grande animação e interesse nos alunos.

Ao findar a entrega dos certificados, foi concedido o lanche e, logo após, numa espécie de investigação da validação do projeto, interrogamos os alunos com as seguintes perguntas: Quem gostou do projeto? Ficaram satisfeitos com a forma com a qual a leitura e o livro foram trabalhados? Por último, pedimos que eles traçassem um paralelo sobre como a prática de leitura deles antes e depois do projeto, mostrando se houve alguma alteração no modo como eles compreendiam a leitura.

Nesse instante, boa parte da turma mostrou interesse em dar seus depoimentos<sup>8</sup> de mudança no hábito da leitura e, para a surpresa da pesquisa, três alunos foram à biblioteca da escola para procurar mais informações sobre o cavaleiro que percorria o mundo em busca de justiça e glórias. Após inúmeras pesquisas, acabaram encontrando o livro *Dom Quixote de La Mancha*, de Miguel de Cervantes, traduzido e adaptado pelo escritor e poeta brasileiro Ferreira Gullar.

Outros alunos resolveram procurar novas aventuras, vivenciadas pelas personagens do Sítio do Picapau Amarelo, de Monteiro Lobato; entretanto, ficaram insatisfeitos, pois a biblioteca da escola não possuía tais obras. Isso gerou insatisfação em grande parte dos alunos.

Ao final dessa última oficina, o resultado encontrado deu-nos enorme satisfação e um sentimento de objetivo alcançado, pois constatamos que é possível o professor apresentar os clássicos no 6º ano do Ensino Fundamental, desde que ele reflita sobre sua prática pedagógica e direcione suas ações por meio de metodologias de ensino que consigam aprimorar a interação existente entre leitura e leitores.

---

<sup>7</sup> A cópia dos certificados encontra-se nos anexos.

<sup>8</sup> Alguns desses depoimentos foram gravados em formato de vídeo para a validação da pesquisa.

Outros pontos que merecem ser evidenciados pelo professor, para trabalhar os clássicos nessa modalidade de ensino, é analisar as seguintes ferramentas: a conscientização do professor da turma sobre a importância de ler clássicos e/ou boas adaptações dos clássicos desde cedo. As boas adaptações devem ser utilizadas, porque muitos alunos nessa faixa etária não compreendem ainda o texto original, pela ausência de maturidade na leitura. Daí, a relevância de retextualizar o texto original. Regina Lúcia Péret Dell’Isola, em *Retextualização de gêneros escritos*, afirma que:

Por retextualização entende-se o processo de transformação de uma modalidade textual em outra, ou seja, trata-se de uma refacção e reescrita de um texto para outro, processo que envolve operações que evidenciam o funcionamento social da linguagem. (Dell’Isola, 2007, p. 10).

É por meio da retextualização que se consegue desdobrar a narrativa em outros gêneros, seja oral ou escrito, e, assim, tem-se mais chances de fixar o conteúdo trabalhado e mensurar o alcance da compreensão do aluno.

Quando adaptamos o momento de leitura, geralmente feito de forma silenciosa e individual, para um momento coletivo, foi possível alcançar uma maior apropriação da narrativa, uma vez que fizemos leitura individual silenciosa, leitura coletiva em voz alta, contação da história de forma narrada e “encenada” e a ressignificação da história a partir da feitura de uma história em quadrinhos.

Se o professor buscar uma prática docente adequada para trabalhar a importância da leitura dos clássicos em sala, escolhendo uma boa história para apresentar, será possível a leitura dos clássicos ou suas adaptações desde cedo na escola, fazendo com que os alunos entendam a importância de ler e, conseqüentemente, façam da leitura um hábito.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do presente estudo sobre a formação do leitor, tendo como base o livro *Dom Quixote das Crianças*, de Monteiro Lobato, possibilitou-nos confirmar a importância de apresentar os clássicos o mais cedo possível para os alunos, uma vez que a pesquisa e as oficinas na escola-campo constataram que a leitura clássica é atraente, divertida e possui temáticas universais, as quais aproximaram os diferentes tipos de leitores encontrados na turma analisada.

Ao adentrarmos no universo do Ensino Fundamental, precisamente no 6º ano, verificamos que é realmente nesta série que os alunos costumam intensificar os estudos nas áreas da leitura e da produção de texto. No entanto a realidade mostrou-nos que é justamente nessa série que o desinteresse pela leitura se agrava, porque ela passa a ser comparada como instrumento de obrigação, e, com isso, verificamos que esse desinteresse, de fato, é causado pela insuficiente participação dos responsáveis para a promoção do hábito de ler, mas principalmente pela forma de abordagem do professor ao trabalhar com a leitura em sala de aula, uma vez que os alunos relataram que o ato de ler era considerado chato, porque eram obrigados a decorar os elementos apresentados na narrativa apenas para responderem às provas ou outras atividades avaliativas. Nesta pesquisa, a leitura foi apresentada como instrumento interativo capaz de promover prazer estético no aluno, ampliar a sua visão de mundo e, acima de tudo, fazê-lo refletir social, histórica e culturalmente.

Utilizamos em nossas oficinas diferentes metodologias de ensino que procuraram fazer do aluno um participante ativo do processo de ensino-aprendizagem. Ao longo dessas oficinas, chegamos a progressos satisfatórios, pois quando aplicamos o questionário, logo no início das oficinas, deparamo-nos com alunos que tinham pouco ou nenhum interesse pela leitura de livros literários. Vimos que, no decorrer das oficinas, sua postura foi mudando, pois, a maioria demonstrou interesse na participação da “encenação” dos capítulos, para opinar sobre o enredo da narrativa, para confeccionar os desenhos para a fixação da história e também na hora da produção textual em formato de histórias em quadrinhos; e, por fim, no retorno de alguns alunos quanto a irem à biblioteca da escola, a fim de procurar o clássico original, *Dom Quixote de La Mancha*, de Miguel de Cervantes, para conhecerem melhor as aventuras do grande fidalgo, fato esse que complementou a nossa defesa de que as adaptações de clássicos, quando bem elaboradas, são grandes aliadas para a apresentação do clássico original, pois atuam como “facilitadoras” na hora de apresentar a leitura rebuscada e tradicional.

A partir da leitura do clássico *Dom Quixote das Crianças*, observamos que alguns alunos se comprometeram a continuar lendo outros clássicos e outras obras do autor Monteiro Lobato, que também contribuiu de forma efetiva para reforçar os encantos que uma leitura pode propiciar aos leitores.

Esses resultados também demonstraram que, quando o professor inclui o aluno no processo da leitura, dinamizando o momento de ler, possibilitando a interação dos alunos com o texto, eles se tornam agentes no processo de ensino-aprendizagem e confirmam que o ato de ler é prazeroso, divertido e produz conhecimento diversificado, uma vez que discutimos, a partir da narrativa, outras temáticas, que não foram apenas as de cunho estilístico e gramatical, mas também sociais, as quais contribuem para a formação de um cidadão.

Assim, os resultados obtidos pelas oficinas nos permitiram responder às problemáticas que serviram de mote para a pesquisa, constatando que é possível sim ler clássicos no 6º ano do Ensino Fundamental, desde que o professor selecione bem as adaptações de clássicos e dinamize o momento da leitura, criando oportunidades de interação dos alunos, oportunidades estas que não se restrinjam apenas a ler o texto em voz alta, mas também oportunizem ao aluno participar efetivamente da narrativa e da interpretação do texto.

O nosso trabalho teve o intuito de ser um, entre muitos que há instrumento de incentivo para o professor de Língua Portuguesa que trabalha com a leitura em sala de aula. Sabemos que os nossos alunos estão conectados a várias plataformas digitais que pedem novos métodos de leitura. Fazer com que um aluno fique habituado à leitura é, hoje, a nosso ver, o maior desafio da escola no Brasil. É imprescindível o surgimento de novas metodologias de ensino e estratégias a serem utilizadas nas aulas de leitura, as quais devem dinamizar a relação entre professor-aluno-texto. Nesse sentido, cabe ao professor estudar, a fim de atualizar suas metodologias e estratégias, pois, sem estudo e pesquisa, a leitura em sala de aula não tem futuro, pois novas maneiras de ler o texto e, conseqüentemente, o mundo sempre surgirão.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura infantil: gostosuras e bobices*. São Paulo: Scipione, 1997.
- BEM- ESTAR. Leitura de autores clássicos estimula o cérebro, diz estudo. *GI*, de 15 de janeiro de 2013. Disponível em: <<<http://g1.globo.com/bemestar/noticia/2013/01/leitura-de-autores-classicos-estimula-o-cerebro-diz-estudo.html>>>. Acesso em 08 de setembro de 2017.
- BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais de Ensino Fundamental*. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. Rio de Janeiro: Editora: Paz e Terra, 2011.
- CADEMARTORI, Lígia. *O que é literatura infantil*. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- CALVINO, Ítalo. *Por que ler os clássicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- CANDIDO, Antonio. *Vários Escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário Crítico de Literatura Infantil e Juvenil Brasileira: séculos XIX e XX*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995.
- CONY, Carlos Heitor. As adaptações dos clássicos e a voz do Senhor. *Folha de S. Paulo*, 22 de junho de 2001. Disponível em: <<<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2206200127.htm>>> Acesso em: 14 de agosto de 2017.
- DELL'ISOLA, Regina Lúcia Péret. *Retextualização de gêneros escritos*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2007.
- RODRIGUES, Maria Fernanda. Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil. *Estadão*, de 18 de maio de 2016. Disponível em: <http://cultura.estadao.com.br/blogs/babel/44-da-populacao-brasileira-nao-le-e-30-nunca-comprou-um-livro-aponta-pesquisa-retratos-da-leitura/>. Acesso em 08 de setembro de 2017.
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. São Paulo: Cortez, 1990.
- LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. 6ª ed. São Paulo: Editora Ática, 2000.
- LOBATO, Monteiro. *Dom Quixote das Crianças*. São Paulo: Editora Globo, 2016.
- MACHADO, Ana Maria. *Como e por que ler os clássicos universais desde cedo*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2009.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *A linguagem e seu funcionamento*. São Paulo, Brasiliense, 1995.

REIS, Silvia Marina Guedes dos. *150 idéias para o trabalho criativo com crianças de 2 a 6 anos*. São Paulo: Papirus, 2002.

REZENDE, Lucinea Aparecida de. *Leitura e Formação de Leitores: Vivências Teórico-Práticas*. Londrina: Eduel, 2009.

ROSA, Nereide Schilaro Santa. *Monteiro Lobato*. São Paulo: Callis, 2000.

VYGOTSKY, Lurian. *Pensamento e linguagem*. Porto Alegre: Editora ArtMed, 1987.

ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. 11<sup>o</sup> edição. Revisada, atual, e ampla – São Paulo: Global, 2003.

\_\_\_\_\_. *Como e por que ler a Literatura Infantil Brasileira*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2014.

## **APÊNDICES**

## APÊNDICE A Roteiro para elaboração das oficinas

### ROTEIRO PARA AS OFICINAS DE LEITURA

**1-** Apresentação do projeto para a turma escolhida e aplicação do questionário para traçar o perfil desta.

**2-** Introdução ao livro:

**2.1-** Explicar que a leitura será realizada em dupla e/ou trio, devido a quantidade das cópias do livro;

**2.2-** Ratificar que, posteriormente, haverá uma atividade (retextualização) em que eles terão que recontar a história (produzir história em quadrinho); e que, quem participar até o final, será premiado e receberá ponto extra (a Fabiane já confirmou com eles em sala);

**2.3-** Apresentar Monteiro Lobato (sucintamente) e o Livro Dom Quixote das Crianças.

**2.4-** Complementar a apresentação anterior com quadrinhos coloridos (que serão afixados no quadro), os quais trazem as personagens do livro, as quais são:

#### **Personagens do sítio:**

D.Benta;

Pedrinho;

Narizinho;

Emília;

Visconde;

Tia Nastácia;

Rabicó.

#### **Personagens do D. Quixote de La Mancha:**

D. Quixote;

Sancho Pansa;

Rocinante.

**3-** Continuar a introdução explicando que este livro contém duas histórias que ocorrem de forma simultânea.

**3.1-** Como já foi mencionado Monteiro Lobato e a narrativa do sítio, traçar comentário sucinto sobre D. Quixote de La Mancha (promover quebra gelo: perguntar se eles já ouviram falar...); acrescentar a importância desse livro mundialmente (que quase todas as pessoas do outro lado do mundo já o leram...(levar o livro original), e que por isto, Lobato o recontou de forma mais fácil.

**4-** Leitura dos capítulos:

**4.1-** Selecionar os principais capítulos para serem lidos em sala. O processo de leitura será guiado/orientado a partir de leitura em voz alta pelas monitoras e pelos alunos.

**5-** Interpretação da história:

**5.1-** Após as leituras, separar um momento para reforçar a “moral da história”, isto é, as lições que o livro D. Quixote traz (não deixar de sonhar, aprender a ser racional para conseguir realizar seus sonhos; fazer o bem, mesmo que no início, venhamos nos dar mal, etc.).

**6-** Retextualização:

**6.1-** Propor que eles recontem a história do D. Quixote (sem mudar o pano de fundo). Somente depois de observarmos o envolvimento da turma é que decidiremos a forma em que a história será recontada, se por meio de quadrinhos ou de dramatização.

**7-** Ao final do projeto, entrevistar os alunos para verificar se as oficinas contribuíram para mudar o contato deles com a leitura.

**8-** Apresentação dos trabalhos (retextualização): na sala de aula, organizar um café literário ou confraternização para promover a apresentação dos trabalhos realizados pelos alunos, em seguida será realizada a entrega dos Certificados de Leitores e ao final, executar a gravação das entrevistas com os alunos para verificar a avaliação deles sobre o projeto e se esse tipo de dinâmica contribuiu para mudar o comportamento deles em relação à leitura.

**9-** Última etapa: recolher tudo para a compilação de dados.

# Bate-papo



Olá, galerinha!

Gostaríamos de bater um papo sobre leitura com você, mas fique ligado na hora de responder, pois essas respostas serão importantes para o nosso primeiro contato e, posteriormente, para o nosso estudo.

Então, vamos começar? 😊

Escola: .....

Feminino

Masculino

Idade: ..... Série: .....

1- É possível que você se lembre de quando aprendeu a ler. O que você sentiu quando começou a entender o que as pessoas escreviam?

---



---



---

2- Alguém já leu para você em algum momento de sua vida? Você se lembra dessa (s) pessoa (s)?







3-Você costuma realizar leitura por vontade própria ou só lê quando professor (a) pede?



4- Se você tivesse a chance de escolher livros para ler, sobre quais assuntos seriam?



5- Qual foi o livro mais interessante que você já leu ou já ouviu alguém ler? Comente



6- Você costuma frequentar a biblioteca da sua escola? Se a resposta for sim, comente com que frequência você vai à biblioteca.

Se a resposta for não, informe o(s) motivo(s) que te impede(m) de frequentá-la.



---

---

---

7- Você acha que ler é importante? Comente sua resposta. Logo após, marque a alternativa que corresponde à importância da leitura em sua vida.



---

---

---

- A)  Pouca importância, pois não preciso da leitura na minha vida.
- B)  Bom depende do dia, mas não é sempre que estou disposto(a) a ler.
- C)  Muita importância, pois a leitura é um ato que está sempre presente no meu dia a dia.

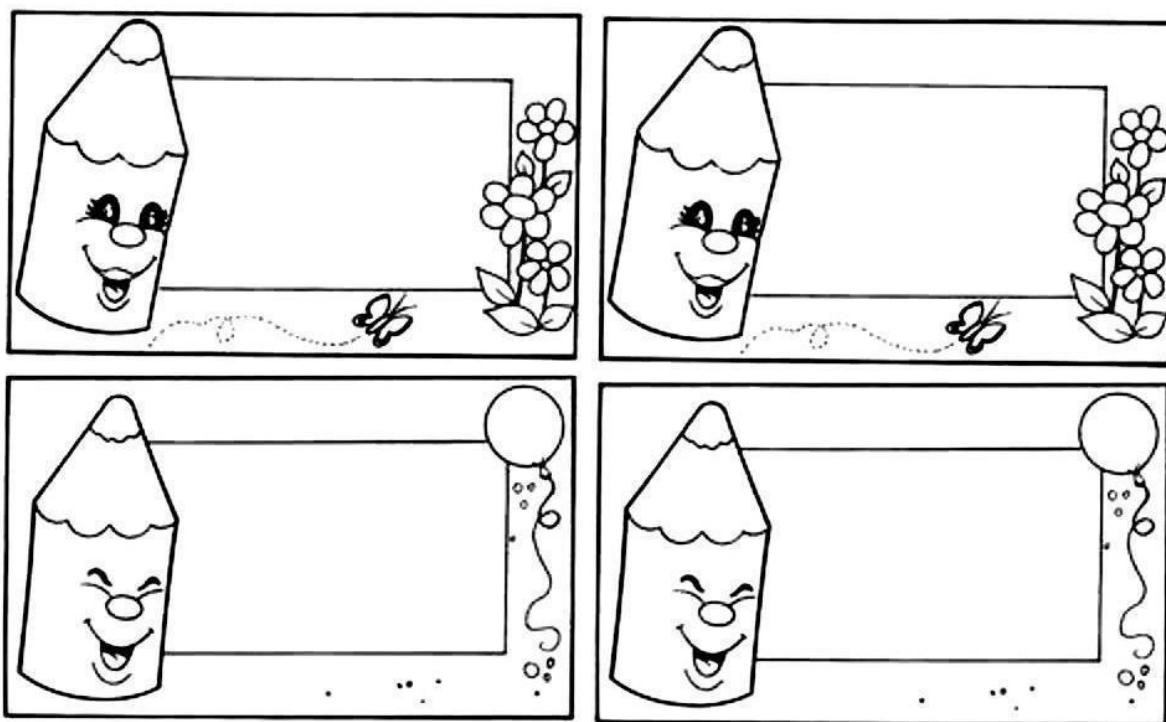
Ah, que pena que nosso bate papo terminou! 😓

E agora? 😱 😱 😱

Bom, agora é hora de agradecer sua participação mais que especial em nosso estudo! 😘 😘

Muito obrigada!

Patrícia e Suzi.

**APÊNDICE C Crachás para a divisão das equipes de leitura**

## APÊNDICE D Autorização para participação das oficinas



MINISTÉRIO DA  
EDUCAÇÃO



### Autorização

Eu, \_\_\_\_\_, autorizo meu filho (a) \_\_\_\_\_, aluno (a) da turma 601, do Colégio Estadual Dr. Thiers Cardoso, a participar das Oficinas de Leitura que acontecerão nas **aulas de Língua Portuguesa**. As Oficinas Leitura têm como objetivo trabalhar a importância da leitura por meio do livro “Dom Quixote das Crianças”, do autor Monteiro Lobato.

Para tornarmos essas oficinas mais divertidas e prazerosas, cada atividade será realizada por meio de desenhos, pinturas, fotos, vídeos e produção de texto, a fim de deixar registrado como lembrança desse trabalho, para os pais, a escola e os alunos participantes, esse incrível momento de leitura!

Essas oficinas serão ministradas pela professora da turma 601, Fabiane, e as alunas Patrícia e Suzi, do 8º período do curso de Licenciatura em Letras/Literaturas, do Instituto Federal Fluminense Campus Campos-Centro, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Lúcia Monteiro Ramalho Poltronieri Martins.

*OBS.: Esta autorização deverá ser assinada e entregue.*

**Assinatura do Responsável:** \_\_\_\_\_

## APÊNDICE E Diploma do Leitor

# DIPLOMA



Era uma vez um(a) aluno(a) chamado(a):

\_\_\_\_\_

Ele/ Ela descobriu, na Oficina de Leitura, o livro Dom Quixote das Crianças, de Monteiro Lobato. O livro narra a aventura de um Engenheiro Fidalgo, que percorreu o mundo em busca de justiça e glória.



A leitura do livro só se tornou uma viagem encantadora e fantástica, porque foi compartilhada por você e pela galerinha do Sítio do Picapau Amarelo, que também adorou conhecer de pertinho a incrível história de Dom Quixote De La Mancha.

Sendo assim, temos a honra de declarar que você ganhou o incrível título de **LEITOR(A)**, porque fez da leitura um momento mágico na sua vida!



Campos dos Goytacazes, 01 de julho de 2017.



\_\_\_\_\_

Patrícia Lessa

\_\_\_\_\_

Suzi Mendes

**ANEXOS**

**ANEXO 1 Desenhos para fixação da história**

**ANEXO 1.1 Desenhos para fixação da história**



## ANEXO 1.2 Desenhos para fixação da história



## ANEXO 2 Produção textual em forma de Historias em Quadrinhos (retextualização)



ANEXO 2.1 Produção textual em forma de Historias em Quadrinhos (retextualização)

